

**Revista de psicologia empírica  
e  
A miséria alemã**

*Karl Philipp Moritz*

9

**Cadernos de Tradução**

---

Departamento de Filosofia - FFLCH - USP

Revista de Psicologia Empírica  
e A Miséria Humana

Karl Philipp Moritz



Revista de Psicologia Empírica  
e A Miséria Humana

Karl Philipp Moritz

*Apresentação de Mario Spezzapria  
Tradução, apresentação e notas de Oliver Tolle*

Cadernos de Tradução  
Departamento de Filosofia /FFLCH /USP  
2020

# CADERNOS DE TRADUÇÃO

Publicação do Departamento de Filosofia da USP  
n° 9 – 2020 – ISSN 1414.8315 – publicação Anual

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
REITOR: Vahan Agopyan  
VICE-REITOR: Antonio Carlos Hernandez

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DIRETOR: Maria Arminda do Nascimento Arruda  
VICE-DIRETOR: Paulo Martins

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CHEFE: Oliver Tolle  
VICE-CHEFE: Luís Sergio Repa

## CONSELHO EDITORIAL:

Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros, Alex de Campos Moura, Caetano Ernesto Plastino, Carlos Eduardo de Oliveira, Edécio Gonçalves de Souza, Eduardo Brandão, Evan Robert Keeling, Homero Silveira Santiago, João Vergílio Gallerani Cuter, José Carlos Estêvão, Lorenzo Mammì, Luís César Guimarães Oliva, Luiz Fernando Batista Franklin de Matos, Luiz Sérgio Repa, Márcio Suzuki, Marco Antonio de A. Zingano, Marco Aurélio Werle, Marcus Sacrini Ayres Ferraz, Maurício de Carvalho Ramos, Maurício Cardoso Keinert, Moacyr Ayres Novaes Filho, Oliver Tolle, Osvaldo Frota Pessoa Junior, Pedro Paulo Garrido Pimenta, Ricardo Nascimento Fabbrini, Roberto Bolzani Filho, Rodrigo Bacellar, Silvana de Souza Ramos, Tessa Moura Lacerda, Valter Alnis Bezerra, Victor Knoll, Vladimir Pinheiro Safatle

## CADERNOS DE TRADUÇÃO

Departamento de Filosofia – FFLCH – Universidade de São Paulo  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315, sala 1007  
CEP 05508-900 São Paulo SP Brasil  
Tel./Fax: (0xx11) 3091-3761 Fax (0xx11) 3031-2431  
[www.fflch.usp.br/df/cadernosdetraducao](http://www.fflch.usp.br/df/cadernosdetraducao)  
e-mail: [cadernosdetraducao@usp.br](mailto:cadernosdetraducao@usp.br)

# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>7</b>
<b>Introdução</b>	<b>11</b>
<b>Proposta de uma revista de psicologia empírica</b>	<b>21</b>
<b>Revista de psicologia empírica (artigos selecionados)</b>	<b>43</b>
Introdução . . . . .	43
Algumas observações sobre um surdo-mudo de nascença . . . . .	45
Livre-arbítrio . . . . .	48
II. Continuação das observações sobre um surdo-mudo de nascença	49
Influência do dogmatismo sobre a tranquilidade e serenidade da	
alma. Reflexões de um hipocondríaco de outrora. . . . .	54
II. Sobre a obstinação do espírito. Observações do mesmo hipocon-	
dríaco de outrora. . . . .	57
Um problema fisiológico-psicológico . . . . .	59
Presentimento de morte . . . . .	61
De uma carta . . . . .	62
Um presentimento onírico . . . . .	65
Ainda sobre os presentimentos . . . . .	66
Sobre misticismo . . . . .	68
Recomendação do misticismo contra os arroubos da imaginação .	69
Estranhas dúvidas e razões de consolo de um metafísico hipocondríaco	73
<b>A miséria humana</b>	<b>81</b>



## Apresentação

O volume aqui apresentado oferece pela primeira vez ao público dos leitores em língua portuguesa a tradução de uma seleção de artigos da *Revista de psicologia empírica* (*Magazin zur Erfahrungs-Seelenkunde*), inovadora publicação de grande sucesso na Alemanha entre os anos 1783 e 1792. Contém também a tradução em português do artigo *Proposta para uma revista de psicologia empírica*, publicado em 1782 na revista *Deutsches Museum*, e o breve ensaio *A miséria humana*, de 1786. O tradutor e curador Oliver Tolle destaca devidamente um aspecto importante dos ambientes intelectuais tardo-iluministas alemães: a saída dos debates do *hortus conclusus* das academias científicos-literárias e das universidades, a favor de uma ampla divulgação em revistas de grande difusão. A originalidade e modernidade da *Magazin* consiste na atenção dada às contribuições do amplo público dos leitores, visando a construção de uma “ciência” psicológica do homem, na qual convergem instancias médico-fisiológicas, antropológicas, estéticas e até literárias. Traduzindo o título com *Revista de psicologia empírica*, Oliver Tolle escolheu manter em primeiro plano a ligação com a principal matriz filosófica da operação editorial moritziana: as considerações



contidas na *Psychologia empirica* de Christian Wolff, com efeito, representam o *humus* cultural ao qual os artigos da *Magazin* remetem, e de forma geral formam o pano de fundo comum às coevas reflexões psicológico-médico-antropológicas e fisiológico-estéticas da época. Como é sabido, na economia do sistema wolffiano o uso do adjetivo “empírico” ocorre no interior da contraposição da díade empírico/racional, que se justifica principalmente em função de exigências didáticas e sistemático-expositivas. O momento das observações e das experiências (*a posteriori*) e o momento reflexivo (*a priori*), com efeito, na perspectiva wolffiana não só *não* se excluem, mas pelo contrário se pressupõem, de modo que eles deveriam sempre ser pensados como complementares e interdependentes. Dito isso, no pensamento wolffiano original o ecumenismo desta exigência metodológico-sistemática é fendido por certo desequilíbrio a favor da experiência viva, das vivências, e o empírico tem um caráter eminentemente experiencial-experimental. Esta tensão imanente ao estatuto wolffiano do empirismo psicológico é resolvida pelos intérpretes “pós-wolffianos” a cada vez de forma diferente, privilegiando e desenvolvendo parte dos aspectos (empíria, experiência, experimento) simultaneamente presentes na complexa estratificação semântica, à qual a definição de “psicologia empírica” remete. O leitor desta pequena antologia de artigos poderá apreciar a maneira em que Moritz e os colegas que compartilharam o projeto da *Magazin* entendem declinar o plexo empíria-experiência-experimento: como o tradutor explica na sua introdução, se trata de proporcionar uma “compreensão” da origem íntima e irrefletida dos

nossos comportamentos *revivendo* as experiências passadas para “*experimental* novos hábitos e práticas”. A *Revista de psicologia empírica*, assim, promete aos seus leitores – de então, assim como àqueles de agora – uma renovação, que talvez seja possível conseguir percorrendo com viva atenção os caminhos acidentados dos labirintos da alma.

*Mario Spezzapria*



## Introdução

Entre os anos de 1783 e 1793, Karl Philipp Moritz foi o criador e principal editor da *Revista de psicologia empírica*,<sup>1</sup> que teve o apoio de diversos pensadores do período, como Moses Mendelssohn, Johann Erich Biester e Marcus Herz. A proposta da revista era coletar e reunir relatos biográficos e autobiográficos sobre as mais diversas enfermidades da alma e promover a sua discussão. Com isso, ela pretendia se afastar do procedimento habitual das publicações filosóficas e científicas de seu tempo, que privilegiavam a exposição teórica de suas descobertas em detrimento da particularidade das patologias verificadas empiricamente. Ao propor a revista nesses moldes, Moritz pretende ainda superar outros dois obstáculos: por um lado, pela sua natureza, as enfermidades da alma não se deixam facilmente reduzir a generalizações e abstrações, dada a diversidade e complexidade das suas causas e, por outro lado, a sua compreensão foi historicamente confiada principalmente à religião, que tendia a caracterizá-las unicamente como pecado ou consequência da ausência

---

<sup>1</sup> Em alguns de seus números, a revista, de regularidade quadrimestral, contou com a colaboração editorial de Carl Friedrich Pockels (1757-1814) e Salomon Maimon (1753-1800) [N. da T].

de fé. Não obstante esse caráter inovador da revista, que pretendia constituir com o passar dos anos uma biblioteca de casos e situações concernentes à vida interior dos indivíduos, Moritz se encontra, pelo uso da terminologia bem como da compreensão das faculdades cognitivas do ser humano, alinhado à discussão de seu século sobre as possibilidades de obtenção de realização e felicidade, com vistas à formação de indivíduos capazes de conduzir autonomamente suas existências e à superação de costumes inúteis ou prejudiciais.

O nome da revista não é fortuito. Ele remete, ainda que indiretamente e por vias que ainda aguardam esclarecimento, à ciência criada pelo filósofo alemão Christian Wolff no começo do século XVIII e que legitimava, a partir de uma base metafísica, a consideração teórica de todo conhecimento não passível de demonstração, possibilitando assim o tratamento científico e sistemático da sensibilidade e sua natureza obscura e, por conseguinte, conferindo legitimidade à investigação dos aspectos passionais do ser humano. A estética de Baumgarten, a física da alma de Sulzer e a psico-fisiologia de Herder são apenas exemplos do desenvolvimento posterior da psicologia empírica. Contudo, como dito, Moritz recusa tratar de questões teóricas de fundamentação antes da consolidação de um conhecimento da diversidade das experiências da interioridade, as quais não podem ser acessadas a não ser pela observação de si, do outro e do compartilhamento dessas observações.

Ao concentrar-se nos relatos de pessoas comuns sobre distúrbios psíquicos que descobriram em si mesmas ou em pessoas próximas, Moritz adota a estratégia de manter a

especulação o mais próximo possível da experiência, evitando generalizações prematuras. Isso não se deve apenas à conhecida fragilidade indutiva de passar do particular para o universal, mas, em especial no que concerne à vida espiritual interior, à constatação de que os conhecimentos são constituídos mais por costume do que pelo uso da reflexão. Ou seja, que os comportamentos e as maneiras de viver foram adquiridos muitas vezes de maneira inconsciente e irrefletida, em virtude da natureza imitativa dos seres humanos. E a dificuldade cresce quando se observa que mesmo a reflexão pode conduzir a conclusões falaciosas, ora porque ela se afastou da diversidade do empírico, ora porque sucumbiu à vaidade de seu poder, que facilmente se distancia da questão que pretendia resolver, prendendo-se em troca à força inebriante da convicção.

A solução para resolver esses obstáculos consiste, portanto, em voltar não só às experiências passadas, revisá-las e redobrar a atenção, mas principalmente experimentar novos hábitos e práticas. Se não há garantias *a priori* para o êxito desse procedimento, ele ao menos rompe com rigidez do costume. Também há a vantagem de que desse modo o indivíduo é retirado da indolência confortável, mas pouco satisfatória, do ato mecânico e repetido. Se a consequência não é sempre aquela felicidade prometida pela psicologia empírica de Wolff e Gottsched, segundo a qual a investigação da alma conduziria necessariamente ao conhecimento preciso da melhor maneira de proceder nesse mundo e das etapas necessárias para a consecução da felicidade, posto que Moritz reconhece as múltiplas dificuldades que se apresentaram desde

então à eficácia dessa ciência, ele conserva deles o princípio de que qualquer esforço em direção à obtenção de conhecimento atende aos anseios mais profundos da psique humana. E também que uma vida guiada pelo costume é um desperdício das capacidades humanas.

Os artigos da revista, principalmente os redigidos de próprio punho por Moritz, seguem a compreensão esquemática da articulação das faculdades cognitivas lançadas pelo empirismo lockeano e que definiram o desenvolvimento da psicologia empírica ao longo do século XVIII: todo conhecimento tem origem numa sensação oriunda de uma experiência concreta; de sensação, graças à memória, esse conhecimento se torna conteúdo da imaginação, onde é possível examinar várias vezes a experiência, inclusive conferindo a ela novas combinações; por fim, o acúmulo de experiências na memória, processadas pela imaginação, permite a formulação de conceitos, onde se obtém uma compreensão mais geral do que foi experimentado. Essa explicação abriu uma série de campos de investigação sobre a aquisição do conhecimento e o modo com que atribuímos valor de verdade ao seu conteúdo, com particular atenção a falácias e auto-enganos. Uma das perguntas mais importantes a partir então não dizia mais respeito pura e simplesmente à obtenção de conhecimentos que reproduzissem com fidelidade seus objetos de interesse, mas sim à suscetibilidade humana ao engano e ilusão. A raiz de todo o problema parecia não estar nem na razão nem na experiência, já que conhecimentos racionais podem ser demonstrados e a experiência repetida, permitindo assim separar o conhecido do desconhecido. A imaginação, esta faculdade intermediária,

se afigurava contudo como problemática: ao mesmo tempo que é uma potência criadora, os seus produtos se mostram sedutores pela sua força e intensidade, o que se explica, por um lado, pela sua proximidade com a experiência direta e, por outro, pelas rotas de fuga que oferece para a rudeza da vida ordinária.

A partir disso, preconceitos e costumes, vícios e bons hábitos, fantasias, delírios e sonhos passam a ser compreendidos não tanto como uma consequência do uso correto ou falho da razão, mas principalmente como resultado da inclinação humana à ociosidade do espírito, que se funda na crença irrefletida nos conteúdos da imaginação. Aparentemente, essa ênfase na faculdade da imaginação decorre principalmente de uma falha de formação, que pode ser compreendida a partir do exame de acontecimentos decisivos na vida de um indivíduo. Também as circunstâncias da vida coletiva, particularmente aquelas que dizem respeito a ocupações e deveres, posição social e devoção religiosa, podem afetar o emprego equilibrado e harmônico das forças da alma.

Nesse sentido, os anos da infância são determinantes para a constituição da dinâmica das faculdades na vida interior de um indivíduo. Em seu romance autobiográfico *Anton Reiser*,<sup>2</sup> que terá algumas de suas páginas reproduzidas na *Revista*, Moritz justamente chama a atenção para o fato de que o personagem principal desenvolve comportamentos obsessivos em decorrência de maltratos e sentimentos de inferioridade.

---

<sup>2</sup> Contamos com uma excelente tradução para o vernáculo desse que é considerado o primeiro romance psicológico: Moritz, K.P; *Anton Reiser: um romance psicológico*; tradução de José Feres Sabino e posfácio de Márcio Suzuki. São Paulo: Carambaia, 2019.



A ideia condutora aqui é a de que a repressão a estímulos naturais de expressão de si como brincadeiras e aventuras próprias à idade pode conduzir a um refúgio na interioridade e, conseqüentemente, a um excesso de fantasia, já que a sua contraparte, a expressão espontânea de si no mundo efetivo, foi negada. A consequência disso é uma disposição do ânimo tímida, rancorosa, repleta de hesitações em relação à confiança que se pode depositar em seus semelhantes. Assim, os instrumentos que podem assegurar a obtenção de felicidade se encontram comprometidos e surge um comportamento repetido, como num esforço obstinado de reproduzir só com os poderes da imaginação todas as engrenagens do mecanismo da realização de si, que envolvem certamente a imaginação, mas também requerem a presença de todas as outras peças, sejam elas exteriores ou interiores, para funcionarem adequadamente.

Embora Moritz deixe claro desde o início, como dissemos, ser preciso evitar a todo custo tirar conclusões precipitadas sobre a origem e natureza das enfermidades da alma, essa compreensão por assim dizer mais primordial do funcionamento do aparato cognitivo assegura o emprego de uma terminologia apropriada para a época. Alguns relatos de criminosos – como, por exemplo, assassinos de crianças – normalmente realizados por párocos ou funcionários carcerários que acompanharam o seu processo de prisão, julgamento e execução, estão diretamente voltados para a compreensão das circunstâncias de vida que transformaram aquele indivíduo em um monstro. Mas também a vocação pode ser determinante para produção de certos tipos de enfermidades da alma.

Por exemplo, a ênfase excessiva em atividades intelectuais por parte de teólogos, eruditos e todos aqueles cujas profissões exigem mais teoria do que prática é propícia ao surgimento de sentimentos hipocondríacos, onde a dúvida e a incerteza acabam por moldar a disposição do ânimo.

A revista também contém alguns indicativos importantes sobre maneiras de diminuir a influência negativa dos costumes e vícios adquiridos e inclusive de melhorar as condições psicológicas daqueles cujas circunstâncias favoreceram a aquisição de bons hábitos, mas que cessaram o desenvolvimento da sua espiritualidade, perdendo assim a intensidade das alegrias e realizações que poderiam alcançar, acomodando-se à rigidez da conduta rotineira. Se a explicação conceitual do papel de cada uma das faculdades na obtenção de conhecimento lança alguma luz sobre a diversidade de dificuldades que a alma pode encontrar em seu caminho, ela aparentemente é impotente para, por si só, produzir transformações de comportamento e conduta. De certo modo, esse obstáculo pode ser superado pelo apelo à natureza imitativa do ser humano. Quer dizer, na medida em que a revista oferece, por meio de seu relatos, vários exemplos de experiências individuais de superação de dificuldades, revelando assim uma parte da diversidade de possibilidades de êxito na cura de enfermidades da alma, a abordagem teórica é obrigada a se aproximar do mundo efetivo e da sua inerente complexidade. Quando um criminoso se arrepende de seus atos mediante a reflexão de seu passado, uma criança tímida encontra alguém que eleve a sua estima, um teólogo obcecado por questões supramundanas aprende a intercalar sua penosa atividade profissional com

momentos de distensão do espírito como passeios no jardim ou conversas com pessoas da comunidade, então são tomadas providências concretas para contornar prejuízos anteriores. Não se trata de remédios garantidos, como pretende a medicina do corpo, mas de alternativas cujo escopo e variedade só poderá ficar mais evidente à medida que mais e mais relatos forem colhidos e disponibilizados para todos.

O impulso de sair do padrão rotineiro de conduta, que necessariamente envolve tentativa e erro, tem ainda a vantagem de exercitar a vontade, essa faculdade tão sensível a um equilíbrio entre êxito e fracasso nos objetivos e que facilmente atrofia com o acúmulo de obstáculos, sendo que aqueles de natureza espiritual são mais danosos do que os materiais.

Quando é dado livre curso à faculdade da imaginação, sem o apoio da memória e da razão, ela facilmente degenera em devaneio. Nesse caso, o indivíduo fica à mercê de todo o tipo de suspeitas em relação aos seus semelhantes e também ao poder da superstição e do seu principal subproduto, o fatalismo. No que diz respeito a esse último, que não é senão a suposição da posse de poderes ocultos, segundo os quais é possível vislumbrar o futuro através de sinais, oriundos de sonhos ou acontecimentos peculiares, a alma passa a conspirar contra si mesma, moldando seus próprios pensamentos e atos para que aquilo que mais temia efetivamente acontecesse. É o caso, por exemplo, de um jovem que, depois da perda de seu irmão, passa a acreditar que também está predestinado à morte. Como informa Moritz, essa crença gradualmente afeta as suas forças e faz com que definha, até que por fim falece como havia pressentido.

É importante aqui observar que Moritz não aceita aquela máxima de que o efeito negativo das paixões deve ser moderado ou atenuado unicamente pela força da razão. Talvez ainda mais importante do que ela é a atenção dispensada às experiências de vida, por meio das quais apenas é possível tomar consciência da eficácia das faculdades da alma nas mais diversas circunstâncias. Por isso, a constituição de uma vida interior sólida e capaz de garantir autonomia ao indivíduo passa por um exame da própria memória e dos elos causais que, ao longo de uma longa série de preparativos e disposições do ânimo, culminaram em felicidade ou tristeza. Com isso é fornecida uma resposta, ainda que inicial, às dificuldades que os teóricos da psicologia empírica enfrentaram anteriormente, a saber, que uma decisão racional, ainda que acertada, não implica necessariamente que seja levada a cabo. Ela atende também à necessidade que não só se redobrem os cuidados da formação na infância, mas também sejam fornecidos exemplos e instrumentos para adultos que, por esse ou aquele motivo, tenham adquirido maus hábitos e costumes, rompendo assim com convicções filosóficas e religiosas de que a personalidade depende de fatores inatos e que, por assim dizer, se encontra condenada a repetir seus padrões, podendo, quando muito, ser cerceada e controlada apenas por punições e imposição de regras de conduta.

\*\*\*

O presente número dos *Cadernos de Tradução* reúne o texto que lança a *Proposta de uma revista de psicologia*

*empírica* [Vorschlag zu einem Magazin einer Erfahrungs-Seelenkunde], publicado em 1782 na revista *Museu alemão* [Deutsches Museum], uma seleção de artigos da própria revista e, por fim, o artigo “A miséria humana” [Das menschliche Elend], que veio a lume em 1786 no volume *Registro de memoráveis para a promoção do nobre e belo* [Denkwürdigkeiten aufgezeichnet zur Beförderung des Edlen und Schönen], organizado pelo mesmo autor. Foram consultadas como apoio as edições críticas das obras reunidas de Moritz da *Deutscher Klassiker Verlag* (*Werke in zwei Bänden*, editado por Heide Hollmer e Albert Meier, Frankfurt, 1997) e o volume 11 das obras completas da De Gruyter (*Denkwürdigkeiten*, editado por Claudia Stockinger, 2013), além de fac-símiles das publicações originais.

Agradeço aqui especialmente a Márcio Suzuki e Mario Spezzapria, que incentivaram e auxiliaram sobremaneira na realização desse trabalho. Também sou grato a todos os integrantes do grupo de pesquisa *Iluminismo à Contraluz*, que acolheu com paciência e atenção diversas apresentações sobre o desenvolvimento dessa pesquisa.

## Proposta de uma revista de psicologia empírica<sup>3</sup>

A todos os admiradores e promotores dos conhecimentos e das ciências de utilidade comum, e a todos os observadores do coração humano que desejam promover ativamente a verdade e a felicidade entre os homens, em qualquer situação e em qualquer contexto.

Dentre todas as coisas, o homem talvez tenha considerado a si mesmo o menos digno de sua própria atenção. Foi apenas porque a necessidade mais urgente da doença o obrigou, que ele começou a conhecer o seu corpo de modo mais preciso. Como não sentiu de modo tão vivo essa necessidade nas enfermidades da alma, ele também negligenciou o conhecimento dessa parte mais nobre de si mesmo. Vimos milhares de criminosos serem executados, sem considerar o prejuízo moral desses membros excluídos do corpo da sociedade humana digno de nossa investigação. Pois tal membro é um objeto tão importante para o médico da moral e para o filósofo especulativo como é para o magistrado que precisa executar a triste operação.

---

<sup>3</sup> Publicado inicialmente na revista *Deutsches Museum*, número 1, 1782, pp. 485-503 [N. da T.].

Como a inflamação progrediu no membro danificado? Como o mal poderia ter sido evitado a tempo? Como o dano poderia ainda ter sido sanado? A que negligência no examinar ou associar se deve que o mal se alastrasse tanto, até que nenhum meio de salvação mais pudesse prosperar? Em que espinho se irritou o dedo saudável? Que farpa imperceptivelmente pequena permaneceu ali enfiada, ocasionando pouco a pouco uma úlcera tão perigosa?

Como as enfermidades da alma são mais variadas, corruptíveis e contagiosas do que todos os males do corpo! Como seria muito mais indispensável para o gênero humano uma doutrina das enfermidades da alma do que todos os medicamentos para o corpo — doutrina que ainda não existe! Talvez ainda não porque uma ciência tão benfazeja requer a atenção completa do espírito humano ao longo de uma demorada série de anos; porque ela pressupõe mil vezes mais observações e experiências do que a medicina; porque precisariam se unir para este fim as melhores mentes produzidas por um século; porque aqueles que propriamente deveriam até agora combater as enfermidades da alma, as consideraram em grande parte por meio do véu de uma religião muitas vezes mal compreendida, por meio da qual os seus olhos se tornaram tão obscuros, que denominaram as enfermidades tão multiplamente variadas da alma com um único nome comum, e constantemente recomendaram um único remédio universal contra elas — por meio do que o mal se tornou muitas vezes ainda maior —, apenas para não precisarem se esforçar para empreender investigações mais precisas sobre o estado constante do enfermo e sobre a natureza e constituição

interior da enfermidade.

Se houvesse verdadeiros médicos da moral, que, assim como os médicos do físico, se ocupassem mais com os indivíduos, e realizassem relatórios públicos de suas terapias para o bem geral! Mas infelizmente há muitos charlatães da moral, que acreditam ter descoberto a única medicina universal para todas as enfermidades da alma, e que o anunciam com grande gritaria e numa torrente de palavras para ludibriar o povo admirado.

O que é a nossa moral inteira se ela não for abstraída do indivíduo? O esboço de um edifício na areia, que qualquer brisa desmancha, um contorno impreciso sem conteúdo interno, assim como toda pedagogia que não se funda sobre suas próprias observações e experiências especiais.

A partir dos relatos reunidos de diversos observadores minuciosos do coração humano poderia surgir uma psicologia, que em utilidade prática superaria largamente tudo aquilo que foi prestado por nossos antepassados nesse campo.

O homem considera a si mesmo demasiado importante para fazer experimentos morais com os próprios homens; mas não trata aqui do nome e sim da coisa. Não se fazem esses experimentos como um fim em si mesmo ou apenas para esclarecer uma frase, mas principalmente para com isso se tornar útil imediatamente a um indivíduo; se essa última coisa é alcançada, então se obteve um benefício duplo.

E quando não tem êxito, quando tem o efeito oposto? — Em enfermidades, onde a vida de um homem está em jogo, não se deve temer justamente isso, avançando muitas vezes para meios duvidosos, quando de resto não há mais nenhuma



esperança? Um pai não diz a respeito de seu filho degenerado: ainda quero tentar esta última coisa, e se isso não ajudar, então devo desistir e abandoná-lo ao seu destino!

Quem todavia permitirá que tais observações lamentáveis que realizou junto a crianças, familiares e amigos ainda sejam publicadas, expondo desse modo aqueles desafortunados à vergonha pública? — Se a utilidade que pode ser obtida com isso diz respeito ao bem da humanidade, quem gostaria de se negar a fazer tal sacrifício? Não embelezamos o nosso corpo depois da morte, mas permitimos que o mesmo seja aberto para o melhor da humanidade, de modo que seja investigado onde estava localizada a enfermidade. Então poderiam ser narrados apenas os fatos sem os nomes das pessoas, embora em casos muito importantes fosse melhor se também esses nomes fossem informados também como evidências da verdade.

Teme-se que haveria um efeito repulsivo se algumas pessoas lerem a sua própria história impressa; não se poderia obter também matéria suficiente de tais pessoas que não pertencem ao universo dos leitores? Um vigário campesino sobre os seus paroquianos? Um supervisor sobre os seus subordinados? Não poderia o professor, o vigário, o oficial, o jurista, fornecer contribuições importantes para tal obra? Já a história de criminosos e suicidas, que matéria rica ela oferece! A história de pessoas abastadas que caíram na mendicância, e daquelas que se elevaram a partir de uma situação modesta. As últimas horas de grandes homens, como o artigo de Sulzer publicado na revista *Museu Alemão*<sup>4</sup> e aquilo que Leisewitz

---

<sup>4</sup> Não foi possível localizar o suposto artigo na revista *Deutsches Museum*.

escreveu sobre a morte de Lessing.<sup>5</sup> Algumas descrições da vida ou observações verazes sobre si mesmo, tal como os anos de infância e juventude de Stilling,<sup>6</sup> o diário de Lavater,<sup>7</sup> a descrição da vida de Semler<sup>8</sup> e as Memoires de Rousseau, quando forem publicadas.<sup>9</sup> As histórias de aperfeiçoamento de jovens e adultos de qualquer idade. A maneira com que alguém teve êxito em afastar alguma falha particular, como a ira, o orgulho ou a inveja. A reincidência nessa falha. Tentativas bem ou mal sucedidas de professores e educadores com este ou aquele indivíduo. Notícias de velhos professores sobre os destinos curiosos de seus pupilos de outrora, que conheceram de maneira mais precisa em sua juventude. A história de loucos e fanáticos. Boas ações que chamaram a atenção, tal como a de Teichmann, com um exame preciso das mesmas.<sup>10</sup> Ações más que chamaram a atenção, tal como a de Rousseau, sobre as quais há ensaios na revista *Teutschen Merkur*.<sup>11</sup> Virtudes que chamam a atenção ou são silenciosas.

---

A edição crítica da *Deutscher Klassiker Verlag* aventa a possibilidade de que Moritz esteja se referindo a um obituário publicado na revista [N. da T.].

<sup>5</sup> Trata-se do artigo “Notícia sobre a morte de Lessing”, publicado na *Göttingischen Magazin der Wissenschaften und Literatur*, 1781, 1a parte, pp. 146-152 [N. da T.].

<sup>6</sup> *Heinrich Stillings Jugend. Eine wahrhafte Geschichte [A juventude de Heinrich Stilling. Uma história verdadeira]*. Jung, J.H. Berlin und Leipzig, 1778 [N. da T.].

<sup>7</sup> *Geheimes Tagebuch. Von einem Beobachter Seiner selbst [Diário secreto. De um observador de si mesmo]*. Leipzig, 1777 [N. da T.].

<sup>8</sup> *Lebensbeschreibung von ihm selbst abgefaßt [Descrição de vida composta pelo próprio autor]*. Semler, J.S., 2 vols., Halle, 1781-82 [N. da T.].

<sup>9</sup> As *Confissões* de Rousseau só foram publicadas em 1782 [N. da T.].

<sup>10</sup> Comerciante que teria beneficiado uma viúva e seus quatro filhos pequenos ao abrir mão do aluguel de um imóvel recém-comprado [N. da T.].

<sup>11</sup> Referência a uma anedota sobre Rousseau, que, na sua juventude, teria furtado um livro e deixado a culpa ser atribuída a uma serviçal [N. da T.].

Falhas que chamam a atenção ou são ocultas. Comparação de diversas personalidades da história e de seu comportamento em situações bastante parecidas. Caracteres e mentalidades de romances e peças dramáticas excepcionalmente bons, tal como os de Shakespeare, que constituem uma contribuição para a história interior dos homens. Mas principalmente observações do mundo real, dentre as quais uma única muitas vezes tem mais valor prático do que milhares de observações criadas pelos livros.

Todas essas observações reunidas sob certas rubricas em uma revista destinada para tal, não submetidas a reflexões até que haja um número suficiente de fatos e então, por fim, tudo isso organizado de uma só vez em um todo conforme a fins — que obra importante ela poderia se tornar para a humanidade! Esse seria o único caminho para que o gênero humano se tornasse familiarizado consigo mesmo por meio de si mesmo, podendo se elevar a um grau mais elevado de perfeição, assim como um indivíduo se torna mais perfeito por meio do conhecimento de si mesmo. Como o mundo não se tornaria mais familiarizado consigo mesmo já por meio da correspondência de Schlözer,<sup>12</sup> por meio das *Efemérides da humanidade*<sup>13</sup> etc.? Por que isso não poderia ocorrer justamente por meio de uma revista de psicologia empírica? Ela se tornaria então um espelho universal no qual o gênero

---

<sup>12</sup> *August Ludwig Schlözer's Briefwechsel meist historischen und politischen Inhalts* [A correspondência de August Ludwig Schlözer, de conteúdo predominantemente histórico e político]. 10 vols., Göttingen, 1776-82 [N. da T.].

<sup>13</sup> Referência à revista *Ephemeriden der Menschheit oder Bibliothek der Sittenlehre und der Politik*, publicada com interrupções de 1776 a 1786 [N. da T.].

humano poderia olhar para si mesmo. E quando esse espírito de observação ganhasse vida e conservasse uma direção duradoura nesse importante objeto do conhecimento humano, que progressos importantes não poderiam ser realizados em poucos anos, quando cada um fizesse observações em seu círculo e as tornasse conhecidas para o melhor de todos.

Nessa revista poderia ser reunido primeiramente muito do que se encontra disperso aqui e acolá em livros e cujo lugar correto é aqui. Nela deveriam ser impressos apenas fatos reais, e quem os enviasse deveria resistir à tentação de tecer reflexões; talvez então ficasse evidente por si mesmo que vários fatos enviados pouco a pouco poderiam confirmar uma sentença até então questionável, condicionar uma outra ou mesmo anular completamente uma sentença afirmada equivocadamente.

Quem não percebe que a fisiognomia de Lavater<sup>14</sup> sempre permanecerá uma contribuição excepcional para uma psicologia empírica, e que a mesma talvez apenas aguarde ser introduzida em um todo maior para mostrar a sua completa utilidade? Alguns artigos excelentes de Lichtenberg<sup>15</sup> na revista de Göttingen são uma contribuição igualmente importante; assim como os diversos artigos na revista *Museu alemão, Merkur, As Efemérides da humanidade*, a correspondência de Schlözer, os esboços de Meißner,<sup>16</sup> o *Livro de*

---

<sup>14</sup> *Physiognomischen Fragmente, zur Beförderung der Menschenkenntniß und Menschenliebe* [Fragmentos sobre fisiognomia, para a promoção do conhecimento humano e da filantropia], Lavater, J.C., Leipzig e Winterthur, 1775-1778.

<sup>15</sup> Georg Christoph Lichtenberg (1742-1799), naturalista alemão [N. da T.].

<sup>16</sup> *Meißners Skizzen* [Esboços de Meißner], Leipzig, 1778-1796 [N. da T.].

*leitura para todas as classes sociais* de Zöllner,<sup>17</sup> etc.

Quem não contribuiria de boa vontade para uma ciência tão importante como a *psicologia empírica*? — Se tal ciência for levada a cabo, então se poderão haurir os conhecimentos do coração humano mais desta fonte primeira do que das composições poéticas. Então cessará a repetição e a cópia das obras do espírito, e o poeta e o escritor de romances se verão obrigados a estudar a psicologia empírica antes de se aventurarem em suas elucubrações.

Desse modo, já a simples existência de uma revista sobre essa ciência seria uma obra indispensável para o pároco, para o médico e, sobretudo, para o escritor do coração humano. Inclusive essa revista poderia crescer alternadamente por meio de reflexões importantes e fatos importantes. E se essa obra encontrasse o apoio das melhores mentes da Alemanha, até que perfeição poderia ser conduzida? Nenhuma nação poderia apresentar talvez algo de semelhante. Assim, essa ciência se formaria a si mesma gradualmente, e quão firme seria o edifício em que as lacunas fossem tapadas não por especulações vazias, mas preenchidas com fatos!

Que felicidade seria vivenciar a consumação de tal obra! — É quase vergonhoso que se tenha dispensado praticamente mais atenção a caracóis e aranhas do que a homens!

Mas como deve ser consumada tal obra? — Ela estará

---

<sup>17</sup> Johann Friedrich Zöllner (1753-1804), teólogo alemão, participou ativamente do iluminismo alemão e editou a revista *Lesebuch für alle Stände. Zur Beförderung edler Grundsätze, ächten Geschmacks und nützlicher Kenntnisse* entre os anos de 1781 e 1804. É dele a pergunta “O que é Esclarecimento?” que deu ocasião às famosas respostas de Mendelssohn e Kant no *Mensário Berlinense* [N. da T.].

consumada quando todas as exceções tiverem sido observadas, quando os fatos se apresentarem de tal maneira que não constituirão mais nenhuma exceção à regra. — O sistema da moral que possuímos sempre pode ser considerado como um esboço aproximado, de modo que não se trabalhe de modo completamente aproximado; mas também é necessário assumir esse sistema de modo tão oscilante quando for possível; estabelecer apenas alguns pontos, mas ainda não traçar linhas de um ponto para o outro, porém aguardar até que essas linhas se desenhem, por assim dizer, por si mesmas.

Que se descubram muitos homens cujo espírito conserve ao longo de toda a vida a direção constante de apenas observar os homens! Que muitos unam as suas forças e sacrifiquem milhares de outros conhecimentos úteis e agradáveis em favor da humanidade, conhecimentos que poderiam privá-los do tempo necessário para o estudo propriamente dito do ser humano.

Quem quiser se estabelecer como observador propriamente dito do homem deveria partir de si mesmo: em primeiro lugar, delinear a história de seu próprio coração desde o início da infância do modo mais fiel possível; prestar atenção às recordações dos primeiros anos da infância, e não considerar sem importância nada que em algum momento tenha exercido uma impressão forte sobre si mesmo, de modo que a recordação disso continue a se forçar por entre seus demais pensamentos. Nisso não deveria querer procurar os vestígios de seu gênio, ou de qualquer coisa que estivesse escondida nele nas primeiras ocorrências de sua vida ou em suas ações infantis. Ele deveria ficar atento à sua vida efetiva presente:

observar a maré enchente e vazante que prevalece em sua alma ao longo de todo o dia e a diferença entre um momento e outro; deveria tomar tempo para descrever a história dos seus pensamentos e fazer de si mesmo objeto de suas observações mais obstinadas; não deveria estar privado de todas as paixões intensas, mas compreender a arte de, em alguns momentos da sua vida, retirar-se repentinamente do turbilhão de seus desejos para desempenhar por um momento o papel do frio espectador, sem interessar-se minimamente por si mesmo. Da vida dos homens cuja vida foi descrita conhecemos apenas a superfície. Vemos bem como o ponteiro do relógio gira, mas não conhecemos o mecanismo que o move. Não vemos como os primeiros germes das ações do homem se desenvolveram nos lugares mais recônditos de sua alma. Isso percebemos apenas muito raramente em nós mesmos, quanto mais nos outros. Com isso não está todavia dito que não poderíamos perceber. Este é justamente um campo ainda não cultivado. Milhares de observações que já se fazem aqui foram tomadas apenas da superfície, e não foram retiradas dos recônditos mais profundos da alma. Alguém que pensou sobre a sua alma o fez talvez apenas numa idade em que as suas paixões estavam mais tranquilas, e uma recordação obscura em retrospectiva foi a base de suas observações. Poucos talvez tenham tomado tempo para observar a sua alma quando ela ainda estava absorvida completamente em sua ocupação e atividade. Empreender observações de si mesmo aparentemente se encontra associado em outros homens a uma ideia repulsiva; e não se pode evitar o pensamento de que se atribui demasiada importância à sua própria pessoa

na medida em que se quer ser justamente o objeto dessas observações. — Mas pode ser um outro? Podemos olhar na alma de um outro assim como olhamos na nossa? E não sacrificamos a nós mesmos quando desmembramos o estado de nossa alma em favor dos outros, tal como aquele que, depois de sua morte, se torna útil para os outros homens graças ao desmembramento de seu corpo? Por exemplo, se numa hora de insatisfação formos capazes de nos elevar acima de nós mesmos a ponto de refletir sobre as nossas próprias insatisfações, então essa reflexão será certamente muito mais interessante do que quando ela é realizada alguns dias depois, porque com a insatisfação desapareceu inclusive também a imagem que deixou para trás na alma. As pinturas fiéis que realizamos de nossa própria alma para nós mesmos merecem sempre a maior atenção.

Por conseguinte, o observador de homens deveria partir de si mesmo; então as suas observações poderiam passar pouco a pouco para o rosto, para a linguagem e para as ações de crianças, jovens, adultos e velhos. Da história secreta de seus próprios pensamentos ele deveria aprender, por meio do rosto, da linguagem e da ação, a concluir sobre a alma de outros. Nenhuma reviravolta na expressão, nenhum *apropos*<sup>18</sup> usado frequentemente, nenhum oportunismo do *o que eu queria mesmo dizer?* Não deveria parecer sem importância para ele, ou escapar à sua atenção, qualquer repetição da mesma coisa ou inclusive da mesma palavra: pois por vezes se encontram tais expressões sem significado constante-

---

<sup>18</sup> Em latim no original: “a propósito” [N. da T.].



mente repetidas na fala, uma imagem fiel da velocidade ou morosidade, da continuidade ou inconstância, da ordem ou desordem, no pensamento de tais pessoas. *Atenção ao que parece insignificante* é, em geral, um requisito importante do observador de homens e então o exercitar-se na *justaposição do sucessivo*, porque o homem integral só pode ser conhecido a partir de manifestações sucessivas. Muitas vezes aquilo que soaria mal quando tomado em separado, torna-se harmonia na justaposição: isso também é correto no que diz respeito aos homens. Que harmonia precisa reconhecer o entendimento supremo enquanto tudo se encontra justaposto e soa ao mesmo tempo, aquilo que parece para nós seguir um ao outro e soar separadamente! Algo semelhante será talvez o resultado de todas as percepções do observador de homens colocadas uma ao lado da outra. O observador do homem deve, a saber, renunciar a muitos outros conhecimentos agradáveis e úteis. O estudo do homem deve ser a sua principal ocupação ao longo de toda a sua vida e em todas as relações de sua própria vida. Ele deve se precaver ao máximo de qualquer tendência a sonhar a si mesmo em um mundo ideal; ele não deve tentar penetrar em nenhum mundo ideal, mas sempre mais fundo em seu próprio mundo efetivo.

Mas quem confere ao observador de homens sempre frieza e serenidade de alma para observar tudo o que ocorre como um espetáculo e as pessoas que muitas vezes o ofendem como atores de um espetáculo? Sim, se ele não estivesse pessoalmente envolvido no jogo e se não tivesse lugar tal inveja do papel do outro? O que deve todavia fazer alguém que é oprimido por homens ou por seu destino e não pode

seguir adiante? O que seria melhor e mais nobre do que se deslocar acima dessa terra e acima de si mesmo, por assim dizer como se fosse um outro ser, diferente de si mesmo, que ri de todas essas coisas numa região superior — e ri de si mesmo, de todas as suas queixas e reclamações —, considerando tudo como um espetáculo — que júbilo, que elevação até o criador do universo, que tudo abrange.

Tão logo vejo que não se quer dar a mim nenhum papel, coloco-me diante do palco e sou um observador tranqüilo, frio. Tão logo o meu próprio estado se torna oneroso para mim, cesso de me interessar tanto por mim mesmo e considero a mim como um objeto de minha própria observação, como se eu fosse um estranho cujos golpes de sorte e acidentes ouvi serem narrados com atenção a sangue frio.

Em nenhuma relação da vida, a observação de mim mesmo e dos homens ao nosso redor é algo desagradável e oneroso. Ao contrário, trata-se de um consolo e de um refúgio de nossas próprias tribulações.

E porventura nos falta, em alguma situação qualquer, em oportunidade para realizar observações sobre o homem? Pessoas de diversas posições sociais poderiam querer dividir entre si esse trabalho, e cada um tornar de início algumas pessoas com que a sua posição social ou ofício o coloca na conexão mais exata como meta de suas observações? — E que prejuízo isso poderia causar a alguém? — Pelo contrário, é porventura raro que dois amigos olhem um para o outro como num espelho, de modo a conhecerem mais precisamente a si mesmos? Não seria bom, se compartilhassem entre si os pensamentos de um sobre o outro, e desse modo forneces-

sem uma contribuição importante para a psicologia empírica, quanto mais rigorosa e apertadamente tivessem se revelado um para o outro e as observações de um tivessem sido examinadas pelo outro?

Sem dúvida, o observador de homens teria de superar ainda muitos impedimentos; ele deve olhar através da cortina do assim chamado bom modo de vida, através da cortina da esperteza na vida e através da cortina da complacência de si ou de fazer-se agradável para os outros, antes que possa penetrar no mais íntimo do coração.

Particularmente mais comum é o ajuste a partir de uma falsa espécie de complacência. Tão grande é o desejo de agradar melhor a alguém com quem se conversa agora, ainda que por um quarto de hora, que negamos durante todo o tempo as nossas opiniões e sentimentos, para poder estar de acordo com as opiniões e sentimentos do outro. No fundo, isso é vaidade ou complacência de si, pois agradamos a nós mesmos sempre duplamente, na medida em que acreditamos que estamos no mesmo momento agradando a um outro. Quase todos se mostram numa luz algo diferente quando acreditam que são observados e tão logo estão dispostos a existir no pensamento de um outro de um modo vantajoso.

Também a mania de imitação entre nós é um grande obstáculo para o observador. Afastamo-nos pouco a pouco de nosso caráter original e compomos aqui e ali trapos rasgados de um outro. Isso torna os homens muitas vezes tão inverídicos, que praticamente não se ouve mais eles falarem ou não se vê mais eles agirem. Essa mania de imitação parece surgir porque se apagou entre nós uma grande qualidade do homem,

o orgulho de cada um em relação à sua própria existência individual. Os homens imprimem uns nos outros a sua marca e cada um perde desse modo a sua própria. Deveríamos tentar despertar o apreço por nós mesmos e o orgulho em relação à nossa existência peculiar, mesmo nos trabalhadores mais humildes, de modo que uma posição social não imitaria a outra de modo tão infame.

A mania de imitação se estende tão longe, que trazemos os ideais de livros para a nossa vida. Nada torna os homens mais inverídicos do que justamente os muitos livros. Quão difícil se torna para o observador tentar destacar entre tudo aquilo que chegou ao caráter por meio da leitura de romances e dramas novamente o que lhe é próprio e original! Em vez de homens — o! prodígio — ouvem-se agora livros falarem e veem-se livros agirem. Pessoas que leram poucos romances permanecem ainda o objeto mais fácil para o observador de homens. Vivemos e tramamos agora no mundo dos livros, e apenas poucos livros nos conduzem de volta para o nosso mundo efetivo. Deveríamos tornar compreensível primeiro o indivíduo mais humilde em virtude de sua importância e então um espírito inteiramente diferente se instalaria entre o povo. Tal livro, como *Lienhardt e Gertrud*<sup>19</sup> e *Gertrudist* organizaram justamente para essa finalidade, pode ser um dos produtos mais úteis do nosso século.

Em particular, há também o constrangimento mais extremo da juventude, que mais promove a dissimulação; e todas as vantagens que se obtém por meio do constrangi-

---

<sup>19</sup> *Lienhardt und Gertrud. Ein Buch für das Volk*, romance de formação do pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746 –1827) [N. da T.].

mento não podem jamais compensar o que o homem desse modo perde verdadeiramente em toda a sua vida futura.

Inclusive o constrangimento interno ou a superação de si mesmo pode nos tornar inverídicos, na medida em que acreditamos que a mesma foi notada. Por isso é bom que alguém se exercite nessa superação de si de preferência sozinho ao invés de na companhia de um outro, e se deixe que ele se exhiba aos seus amigos como é, com as falhas que ainda possui. Para permanecermos sempre verdadeiros, deveríamos nos servir da dissimulação em virtude de gentileza ou amizade apenas no caso de suprema urgência, porque a habilidade que se adquire desse modo é muito perigosa.

Nas crianças, a arte da dissimulação não vai tão longe na maior parte das vezes; pois na medida em que a mesma é uma habilidade, ela só pode ser aprendida primeiro por meio de exercício e esforço, e se procuramos evitar a coerção, então se poderá combatê-la primeiro nas crianças, ainda que já tenha em algumas delas inserido uma raiz profunda; e combateremos esse vício mais como voluntarismo e maldade manifesta se não precisarmos arrancá-lo. Pois justamente isso constitui a parede divisória entre a mente do professor e a do aluno; essa cortina precisa primeiro ser erguida para descobrir o primeiro de seus inimigos mais fortes na alma do jovem, superá-lo primeiro, e então, com todo o poder possível, penetrar nela, até que ao fluxo puro da verdade não se oponha mais nenhuma barragem.

Que o caráter da alma é apagado tão cedo do rosto do homem, que o seu tom e as suas feições já desaprendam tão cedo a concordância da alma com o pensamento e a sensação,

este é o fruto da luxúria e do refinamento, das reverências aprendidas de cor, dos olhares risonhos e dos usos artificiais nas expressões mais insignificantes da gentileza.

É triste que as leis da gentileza, que asseguram algumas vantagens à vida, particularmente nas cidades grandes, estejam associadas com o mal-estar quase inevitável de que o homem em sua juventude mais tenra já se irrite, e talvez se torne em toda a sua vida futura inverídico. A criança já aprende a balbuciar agradecimentos e congratulações vazias, quando não as sente; ela aprende a dissimular, antes ainda de saber que existe dissimulação, e que a dissimulação é um fardo; ela aprende de uma só vez a agradecer ao seu pai com sons vazios de cumprimento e ao seu criador com mãos unidas; e enquanto a língua ainda balbucia, as palavras já são artificiais e cessam de ser expressão natural da sensação. Desse modo, é tecida a densa cortina que por fim o olhar do observador em formação, ou do formador que observa, não é mais capaz de penetrar.

A despeito disso, quanta oportunidade tem um professor para fazer observações sobre os homens. Ele, que atua diretamente sobre o entendimento e o coração e não deve descansar até ver o fruto de seus efeitos! Sem dúvida, o educador tem a prerrogativa de que ele pode observar constantemente os seus objetos, já que para o professor isso só é possível durante algumas poucas horas. Mas o professor tem, por sua vez, a vantagem da multiplicidade dos sujeitos.

Quando assumi o meu cargo de professor no Ginásio

Berlinense do Grauen Kloster,<sup>20</sup> fiz para mim um plano de realizar essas observações com os meus alunos. Decidi-me a escrever um diário sobre isso, o que também fiz e até hoje continuo a fazer. Se se reúnem observações diárias sobre o tempo, pensei, não deveríamos considerar também os homens dignos dessas observações? Porque, de acordo com a escola, eu tinha de ministrar aulas tanto para as classes inferiores como para algumas superiores, então aqueles de que fazia observações eram bastante diferentes segundo a idade, a habilidade, a educação e a posição social, o que atendia aos meus desejos.

Em minhas observações fiz o seguinte plano: Procuo observar em um jovem que vejo pela primeira vez o que é mais notório: pois o que se nota na primeira visão perde-se facilmente quando se conhece melhor o sujeito e já se está acostumado ao seu rosto, aos seus trejeitos etc. Sem dúvida, é possível se equivocar muitas vezes na primeira visão sobre uma pessoa, mas esse equívoco fornece posteriormente algumas vantagens; não é necessário chegar a uma conclusão logo no início, mas, por assim dizer, desenhar um esboço impreciso para as observações futuras. Isso também possui a vantagem de que diante daqueles que se veem pela primeira vez não se realiza um preconceito nem ruim nem bom, podendo assim confiar da melhor maneira em suas observações. O que é distintivo na formação do rosto, que coincide de algum modo com os sons, com o andar e com cada movimento do corpo, com a idade e com a educação, é aquilo que primeiro me

---

<sup>20</sup> Moritz foi seu professor a partir de 1784 [N. da T.].

chama a atenção, na medida em que eu posso concluir a partir disso a posição social dos seus pais ou outras informações. Então procuro primeiro ganhar a confiança do jovem, para receber dele respostas espontâneas e sinceras às perguntas que lhe forem dirigidas. Presto atenção ao seu comportamento quando se abre a oportunidade de lhe dar recomendações sérias por causa de erros grosseiros ou negligência ou para elogiar o seu esforço ou a sua organização. Depois de ter anotado essas observações ao longo de mais ou menos uma semana e as ter considerado em conjunto, então muitas vezes resulta disso o resumo daquilo que eu tinha presumido segundo razões prováveis.

Desse modo criei para mim uma tabela sobre o caráter mais contrastante, onde os nomes estão dispostos com certa distância uns dos outros, de modo que a cada dia insiro sob eles as minhas observações diárias. É um prazer ver esses caracteres ganharem figura uns ao lado dos outros e perseguir as suas nuances até os menores movimentos do corpo e até as expressões da face.

Na medida em que essa visão torna cada vez mais intuitiva a multiplicidade nas obras de Deus, muitas vezes todo o meu coração se exalta. Que distância entre o homem e o verme, entre o verme e a rocha sem vida! E então novamente do mais sábio dentre os homens até o habitante selvagem do deserto; e que diversidade entre esse pequeno número de homens em embrião, que virão a ser, que vejo diante de mim, que diversidade! Dos mais vivos entre eles até os mais inertes; da organização mais refinada até a mais grosseira; do olhar mais ígneo até o mais frio; e da força que mais impele até



a fraqueza mais caduca — e tudo isso são apenas conceitos adequados — cada um é bom e pode ser bom, ao seu modo. — O mais inferior no quadro da humanidade permanecerá sempre uma obra prima sobre a terra, ainda que fosse o único em sua maneira.

Esse pensamento me reconcilia novamente sempre que não consigo tolerar bem um rosto que vejo diante de mim. — Apenas porque estamos mimados pelo melhor, o bom é demasiado ruim para nós. Satisfazer inteiramente a dignidade da humanidade foi algo que me deu coragem e força para reprimir em meu peito ódio e desprezo contra alguns, contra os quais a minha alma inteira se voltava tão logo os via; por meio desse pensamento fui capaz de abrir o coração com igual amor a um número tão misturado de indivíduos como aqueles que vejo diante de mim. Procuro acostumar os meus pensamentos a não confundirem melhor e bom com bom e mau: isso muitas vezes me dá consolo e tranquilidade, quando o meu coração quer me colocar em discórdia com aquela parte da humanidade sobre a qual devo atuar.

Para atuar mais sobre os sujeitos em isolado, ofereço a eles a possibilidade de revelarem para mim os seus pensamentos por escrito, para me pedir por conselhos ou para me informar de suas ocupações, e também para me escreverem sem reservas, quando um deles pudesse pensar que fui injusto com ele, talvez sem o saber. Pois enquanto viver na alma de um jovem o sentimento de que o seu professor é injusto com ele de alguma maneira, esse professor não poderá atuar em nada sobre o seu coração. E, todavia, nada é mais fácil que ser injusto com um único jovem quando se está entre um

grande número de jovens.

Por meio dessa espécie de correspondência com que conversei com os meus alunos consegui conhecer cada um deles em particular, e atuar sobre o indivíduo. Com alguns fui capaz inclusive de remover completamente o véu da dissimulação e, com outros, ao menos conseguir ver através desse véu.

Acredito certamente que muitos professores realizaram as mesmas observações ou muito melhores que as minhas sobre sujeitos singulares e as anotaram; trata-se, por conseguinte, apenas que tornem conhecidas essas anotações para o melhor de todos, publicando-as numa Revista de psicologia empírica a ser estabelecida; desse modo isso se tornaria ao mesmo tempo uma das obras mais importantes para a pedagogia. Não duvido que cada um que percebe o valor da humanidade contribuirá para o surgimento e promoção de tal obra; e, por isso, tenho a esperança, não sem fundamento, de que minhas expectativas a respeito de uma psicologia empírica logo poderão talvez ser cumpridas.

Autoriza-me ter essa esperança ainda mais a promessa animadora de diversos eruditos dignos aqui de Berlim, que se ofereceram para fornecer artigos para uma *Revista de psicologia empírica*, cujo primeiro volume talvez seja publicado em breve. O senhor Moses Mendelssohn dividiu comigo os seus pensamentos sobre o plano desta obra, aconselhando a mudança da denominação *psicologia experimental* [*Experimentalseelenlehre*], que tinha escolhido inicialmente, para *psicologia empírica* [*Erfahrungsseelenkunde*].<sup>21</sup> Além dele,

---

<sup>21</sup> Essa escolha terminológica não deixa de ser significativa. Ela remete diretamente à psicologia empírica praticada por Wolff, Gottsched e Baum-

também devo citar como promotores desse empreendimento: o senhor Dr. Markus Herz, os senhores pastores Zöllner e Löfler, o senhor Dr. Biester, o senhor diretor Gedicke, o senhor professor Zierlein, o senhor Dr. Pink, secretário distrital de saúde, o senhor von Schuckmann, juiz do tribunal federal, que enviarão todos artigos, tendo, em parte, já enviado. Quanto mais eruditos de diversas profissões e pessoas de diversas posições sociais trabalharem nesta obra, tanto mais perfeita ela será. Por isso mesmo seria desejável que também eruditos estrangeiros se unissem para a promoção de um empreendimento tão importante, fornecendo suporte para a *Revista de psicologia empírica* com as suas gentis contribuições. É necessário aqui todavia mais um apelo, exigindo a sua ativa dedicação, já que a coisa fala por si mesma em alto e suficiente som para conquistar cada conhecedor de homens e filantropo?

---

garten na primeira metade do século XVIII, e pode, em certa medida, ser interpretada como um cuidado em diferenciar a prática dessa ciência em relação à das ciências da natureza ou da medicina do corpo, orientadas por observações meramente exteriores [N. da T.].

## Revista de psicologia empírica (artigos selecionados)

### Introdução<sup>22</sup>

Avanço trêmulo para a execução de um empreendimento, cuja importância e utilidade a cada dia fica mais evidente e no que reconheço também as grandes dificuldades com sempre maior nitidez. — Que terreno em que meus passos hesitantes ousam aventurar-se! Que caminhos não percorridos! Que escuridão! Que labirinto! Quão facilmente um passo em falso pode aqui iludir aquele que procura, perseguindo a sua vida inteira uma miragem, sem encontrar jamais o brilho suave da verdade, que alegra apenas aquele que percorre o caminho sereno da sabedoria conduzido pela mão da razão, mantendo igual distância do entusiasmo e da frieza. O! se eu pudesse ver esse brilho suave antes de mergulhar nas trevas de minha cova, então de bom grado encostaria minha cabeça no chão e morreria!

Como posso empregar melhor a parte restante da minha vida, senão aplicando-me à investigação e observação daquilo

---

<sup>22</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 1 (1783), caderno 1, pp. 1-3 [N. da T.].

que é mais importante para mim e para os meus semelhantes, além de me dedicar ativamente às minhas obrigações? E o que é mais importante para os homens do que o homem? Por isso, gostaria de consagrar meu tempo e minhas forças a esse excelente estudo, e em consideração para com ele quero estudar, ler, observar, pensar e viver. Que eu torne o público testemunha disso não é presunção, como se eu estivesse em condição, por assim dizer como seu representante, de descobrir as profundezas de uma ciência, que até agora não foi descoberta pelas mentes mais lúcidas: ao contrário, gostaria tão somente que o meu zelo e boa vontade pudessem ser meus intercessores junto a eles, quando arrisco reunir alguns materiais para uma construção que o seu arquiteto ainda procura e que talvez um dia encontre.

O que me tranquiliza por querer aumentar o atual dilúvio de livros com um novo é que ele fornece fatos e nenhuma conversa fiada moral, nenhum romance ou comédia e não apregoa quaisquer outros livros.

Além disso, no que diz respeito ao plano dessa revista, gostaria de fazer referência a manifestações mais detalhadas em diversos periódicos e jornais públicos, e particularmente à proposta de tal revista no *Museu alemão* de junho do presente ano.<sup>23</sup> Não pretendo estipular nenhum período de tempo para a sua publicação. Em conformidade com a sugestão do senhor Moses Mendelssohn, tentarei aplicar as divisões da medicina à psicologia empírica, organizando os artigos desta revista sob as rubricas de psicologia, psiquiatria, psicografia,

---

<sup>23</sup>Texto cuja tradução se encontra reproduzida nesse volume nas páginas 17 a 38 [N. da T.]

psicodietética etc.

### **Algumas observações sobre um surdo-mudo de nascença<sup>24</sup>**

Merece ser considerado em que medida a alma — não obstante a ausência completa de um sentido, por meio do qual obtém um fluxo tão grande de ideias — pode todavia se encontrar em um estado saudável, já que, além disso, falta a ela também a linguagem, por meio da qual o ser humano parece unicamente fixar as suas ideias. Há algum tempo me ocorreu a ideia de fazer uma tentativa com um surdo-mudo de nascença, ensiná-lo a falar e ao mesmo tempo realizar observações sobre o desenvolvimento de suas ideias e forças da alma.

Na Páscoa do presente ano realizei efetivamente tal tentativa com um rapaz surdo-mudo de quinze anos, chamado Karl Friedrich Mertens, que para esse propósito acolhi, retirando-o da casa de caridade local.

Aparentemente, ele sabia que lhe faltava um sentido, na medida em que sacudia constantemente a cabeça e fazia uma careta triste quando apontávamos para o ouvido. Também parecia perceber a falta da linguagem, mostrando grande desejo de aprender a falar.

Embora logo no início tenha reproduzido as letras fáceis “b, d, f” etc. por meio do movimento da boca, não emitiu nenhum som perceptível, até que, por meio de riso e tosse, em

---

<sup>24</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 1 (1783), caderno 1, pp. 39-44 [N. da T.].

que ele igualmente me imitava, consegui por fim extrair um som de sua garganta, fazendo com que falasse nesse mesmo instante as letras acima, associadas a esse som. Tudo isso foi conseguido em uma única hora.

Em vez de lhe mostrar os caracteres das letras, num primeiro momento fiz apenas alguns sinais naturais e, para grande espanto meu, ele seguiu um pequena linha ondulada, inteiramente sem a minha interferência, de livre vontade, com a volubilidade da língua, repetindo isso sempre que eu desenhava novamente essa linha, aprendendo dessa maneira a falar primeiro a letra "l". De igual maneira, também sem a minha interferência, ele seguiu posteriormente o traço reto com um golpe da língua, aprendendo desse modo a falar a letra "d". Continuei com a tentativa e desenhei para ele um meio círculo de certo tamanho, que ele, também sem minha interferência, imitou por meio de uma ampla abertura da boca, produzindo desse modo um grito. Ocorreu-me desenhar um círculo menor dentro desse primeiro e um outro ainda menor, provocando desse modo uma queda proporcional e enfraquecimento da voz. E como o último e menor meio círculo se perdeu por fim num ponto, também a voz desapareceu em um som baixo e sutil, que guardava muita semelhança com a letra "i".

Comecei então a fazer com que nomeasse objetos diferentes primeiro com sons específicos e, sem a minha interferência, ele foi imediatamente capaz de diferenciar as coisas que pertenciam a um gênero daquelas pertenciam a outro gênero de coisas. Assim, por exemplo, fiz com que chamasse um vidro de tinta de "l", mostrando a seguir com o dedo, um

depois do outro, uma janela, um espelho e um copo, que ele igualmente chamou de "l"; mas quando eu apontei para uma cadeira, então ele balançou a cabeça. Fiz com que chamasse um pedaço de papel de "b", com o qual se referiu também a um livro e a uma carta selada que lhe mostrei; mas como logo a seguir apontei para uma pena, ele balançou novamente a cabeça e permaneceu em silêncio.

Nas primeiras duas semanas, já que eu nem todos os dias podia dar uma hora de aula, ele já tinha aprendido a compor sílabas a partir de letras e a falá-las de modo audível; e depois de quatro semanas já era capaz de formar palavras diferentes de duas sílabas, como planta, papel etc., não sem esforço, como sabem outras pessoas que me visitaram.

Compreendia os menores sinais com que se procurava tornar alguma coisa clara para ele. Assim eu conseguia, por exemplo, me valer da figura da letra "k", tal como parece quando escrita, para lembrá-lo de que precisava retrair a língua até a gengiva, porque essa figura, por acaso, representa algo semelhante.

Realizou grandes progressos até eu realizar uma viagem em Pentecostes deste ano, da qual retornei apenas há pouco e até agora, em virtude de vários impedimentos, ainda não pude retomar as aulas. Sem dúvida, ele desaprendeu novamente a maior parte durante esse período; apesar disso, começarei as minhas lições desde o início, dando continuidade às minhas observações sobre ele, para torná-las conhecidas em um dos números seguintes dessa revista.

Preciso acrescentar ainda, no que diz respeito à memória desse surdo-mudo, que ele é capaz de se lembrar do passado



distante com muita vivacidade, como fica claro a partir da seguinte circunstância.

Um ano atrás, ele estava andando à toa na rua, e como eu conduzia um bote acompanhado de um jovenzinho, mediante pagamento, junto com outro rapaz, ele ajudou a remar, enquanto eu lia com o jovenzinho um livro. Esse jovenzinho me visitou agora de novo e comecei a ler com ele um livro na presença do surdo-mudo, quando este imediatamente se recordou de todas as circunstâncias do passeio no bote, deixando claras para nós as suas ideias por meio de sinais muito compreensíveis. A sua imaginação é forte e correta. Ele identifica quase todas as pessoas que viu por meio de caretas e gestos.

Além disso, a sua faculdade de julgar é tão boa, que ninguém o ilude com facilidade ou consegue tirá-lo do juízo tentando assustá-lo com um falso perigo.

De resto, parece ser muito orgulhoso e extraordinariamente ciumento.

### **Livre-arbítrio**<sup>25</sup>

Diversas vezes estive no alto de uma torre, cujos corrimãos me chegavam até o peito. Estava, portanto, completamente protegido de uma queda. Apesar disso, um pensamento terrível me sobressaltava, como se me sentisse necessariamente impelido a subir no alto do corrimão e a me lançar da torre!

Não precisava senão da minha vontade para não levar

---

<sup>25</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 1 (1783), caderno 2, p. 100 [N. da T.].

a cabo essa intenção, e contudo esse pensamento me fazia estremecer, enchendo-me de pavor. Era como se não confiasse em meu livre-arbítrio ou como se temesse a minha própria vontade. Não podia suportar a situação nenhum minuto a mais e era obrigado a descer da torre o mais rápido possível.

Nos meus anos de juventude, tinha por vezes sentimento semelhante na igreja. Ali representava vivamente para mim a comoção e a desordem que provocaria se comesse a falar alto durante o sermão. De súbito, era como se tivesse de falar alto; isso me causava o temor mais horrível e esse pensamento me affigia muitas vezes ao longo de todo o sermão.

## **II. Continuação das observações sobre um surdo-mudo de nascença<sup>26</sup>**

Já que não pude, como gostaria, dar continuidade às minhas tentativas com esse surdo-mudo em virtude de minha persistente enfermidade, permaneci ao menos atento para as suas ações e à exteriorização pantomímica de seus pensamentos, para desse modo continuar a tirar conclusões sobre a maneira de pensar de semelhante indivíduo.

Indiquei anteriormente quão extraordinariamente verdadeira e correta era a sua lembrança do passado, quão forte é a sua imaginação e quão boa é a sua capacidade de julgar. Desse modo, para meu maior espanto, notei que ele possui quase todos os conceitos religiosos de Deus e Cristo e inclusive de sentimentos religiosos e devocionais.

---

<sup>26</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 1 (1783), caderno 3, pp. 76-82 [N. da T.].

Desde que o conheço, ele mostrou constantemente um grande ódio pelos judeus, que não podia me explicar no começo, até que ele certa vez ficou surpreendentemente chateado com um judeu que me visitava, expressando com clareza por meio do abrir dos braços e indicação muito precisa das cinco chagas de Jesus, que Cristo tinha sido crucificado por judeus. A seguir, ele representou com os dedos uma figura de dois chifres na cabeça, e expressou por meio de pantomima que o diabo lançaria os judeus no inferno, ao apontar para o fogo que ardia no fogão.

Isso deve ter sido ensinado a ele de modo natural por seus pais ou outras pessoas durante a infância por meio de sinais. Agora eu queria investigar se ele também tinha um conceito de pecado ou injustiça no sentido religioso, e com essa intenção desenhei para ele um crucifixo no papel, no qual introduzi chifres na cabeça e garras nas mãos e nos pés, mediante os quais, a saber, ele representava para si o diabo.

A sua repulsa contra isso foi indescritível. Ele me olhou fixamente e consternado, e a primeira coisa que fez foi apagar, tão rápido quanto pode, esses chifres e garras, cuja tinta ainda não tinha secado, por assim dizer como se não pudesse suportar por mais tempo a sua visão. Ao apontar para mim e designar uma barba, manifestou que eu seria talvez também um judeu ou mesmo tão ruim como um judeu.

Ele contou isso logo a seguir à minha criada com os mesmos gestos de desprezo, e desde então manifesta constantemente grande dúvida sobre a minha felicidade. Designa isso levantando os braços como um pássaro e assumindo uma face alegre e risonha. Como ele, em contrapartida, designa

a perdição da maneira mencionada por meio da figura do diabo, que captura a alma com as suas garras, lançando-a nas chamas do fogão.

Quando pergunto a ele se acredita mesmo que serei abençoado, então não quer me condenar de imediato, mas balança a cabeça e desenha um crucifixo no papel, no qual assinala os chifres e as garras que eu tinha pintado apenas com a pena sobre o papel, sem ousar tocar de fato o papel com ela, fazendo um traço sequer. A careta que ele faz durante isso é uma mistura de espanto, devoção e repulsa.

Ele também considera o suicídio como um grande pecado. Pois quando certa vez, na sua presença, me portei como se enfiasse uma faca em meu peito, então ele procurou me dissuadir por meio de caretas e gestos muito sérios, enquanto me assinalava ao mesmo tempo que, tão logo morresse daquela forma, certamente o diabo viria me buscar e me esmagaria com os seus pés.

Fingia então falecer como um doente em seu leito, para perguntar o que ocorreria comigo nesse caso, ao que ele dava a entender, à sua maneira, que assim eu poderia me tornar bem-aventurado.

Isso foi ainda antes de ter desenhado os chifres e as garras. Quando acredita que foi injustiçado e não pode se vingar, então aponta para o céu e faz com a mão um movimento como se raios se aproximassem aos poucos e caíssem repentinamente sobre a cabeça daquele que o ofendera, aniquilando-o, ou como Deus o mataria com os seus raios. Essa é a sua manifestação mais séria sobre a punição de uma injustiça. Em situações de menor importância, ele se dá por satisfeito por figurar

naquele que o ofende um par de chifres, como se quisesse dizer que o diabo virá buscá-lo a tempo.

Essa primeira manifestação de seriedade ele costuma fazer também quando um pedaço de pão é jogado de propósito no chão ou se brinca com ele, fazendo bolas, o que considera igualmente como um dos maiores pecados.

Quando explicamos que também será condenado por seus próprios pecados, ele dá a entender que não pode ouvir e que, portanto, Deus terá misericórdia dele e o abençoará.

Isso ocorreu também numa ocasião em que me censurou por não ir regularmente à igreja tal como minha criada, mas que me ocupava com outras coisas nesse momento. Que ele mesmo não fosse era desculpado por não poder ouvir.

De resto, ensinaram a ele também muitos conceitos supersticiosos de bruxas e coisas semelhantes. Ele sabe com bastante precisão, por exemplo, quando as bruxas cavalgam na Noite de Santa Valburga<sup>27</sup> aqui em Blocksberg. Nisso descobri pela primeira vez que se guiava por um calendário muito correto guardado na mente. Pois na noite antes de primeiro de maio, para grande espanto, ele desenhou cruzes em todas as portas e entradas, sem que alguém, o que sei com certeza, tenha lhe falado uma palavra sobre a Noite de Santa Valburga do dia seguinte.

De igual maneira, também me indicava com antecedência quando era Páscoa, Pentecostes ou Festa da Ascensão. Já seria realmente muito se pudesse contar um dia após o outro e memorizá-los, conservando toda a série dos dias pas-

---

<sup>27</sup> Festa que reúne elementos pagãos e cristãos, realizada na noite de 30 de abril [N. da T.].

sados na lembrança, como deve ser mais ou menos o caso, se efetivamente possui um calendário na mente.

Ele também é capaz de ver que horas são pela posição do sol, acertando isso comumente com bastante precisão.

Quando quer indicar que sabe ou não algo, então aponta com o dedo para a testa, no que balança ou inclina a cabeça. Fica muito engraçado quando quer dar a entender que alguém é maluco. Então aponta igualmente com o dedo para a testa e faz uma careta especial de desorientação.

Certa vez ele, ou outra pessoa, colocou em sua cabeça que o rei me pagava anualmente 30 coroas por ele. Até conseguir tirar isso da sua cabeça, ele acreditava constantemente sofrer injustiça. A sua roupa, comida, nada era bom o suficiente, e suspeitava de mim em cada ocasião que embolsava o dinheiro do rei e ele tinha de sofrer com isso. Tem muito respeito para com o rei. Quando é questionado sobre o que quer ser e se quer ser rei, desenhando uma grande estrela no peito, então faz uma careta de como se fosse uma situação muito delicada e perigosa, indicando que então todos deverão baixar as cabeças até os seus pés.

Quando foi publicado o primeiro número dessa revista, e como constava o seu nome nela, ele o reconheceu imediatamente pela semelhança das letras impressas com as cursivas. Isso causou um efeito extraordinário sobre ele. Mostrou com admiração e alegria a todos que conhecia o seu nome impresso num livro. Indiquei a ele que algumas páginas do mesmo tratavam apenas dele, e ele também descobriu as letras “b, d, f” etc., que primeiro aprendera a escrever, impressas várias vezes, o que aumentou ainda mais a sua admiração. Ao expli-

car as palavras orgulho e ciúmes no fim do artigo, indicando que elas de igual modo falavam dele, a sua irritação com isso foi tão grande quanto a alegria anterior, ao ver o seu nome impresso. Quando foi publicado o segundo número dessa revista e a viu junto a mim sobre a mesma, folheou-a muito cuidadosamente para verificar se podia de novo encontrar o seu nome nela.

### **Influência do dogmatismo sobre a tranquilidade e serenidade da alma. Reflexões de um hipocondríaco de outrora.<sup>28</sup>**

Se não estou inteiramente enganado, a maioria dos hipocondríacos está entre os teólogos. A natureza penosa e séria de suas ocupações e, quero acrescentar ainda, se me permitem, a incerteza de algumas partes de sua ciência, que muitas vezes quer e deve conhecer mais do que é dado aos homens — o fato de que, com razão ou em virtude de real exagero, a muitas de suas máximas seja atribuída uma importância desigualmente superior às máximas de outras ciências; o perigo de que as representações interiores ou sobretudo exteriores divirjam das representações da seita ou, ainda, o perigo dos flagelos da heresia; por fim, que para os teólogos sejam necessariamente pecaminosas ou indecorosas certas satisfações ou, ao menos, aquelas distrações que alegram outras categorias sociais: tudo isso contribui para despertar ou multiplicar a hipocondria, que é efetivamente responsável também por muita exaltação

---

<sup>28</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 3 (1785), caderno 1, pp. 125-127 [N. da T.].

e isolamento, dando assim ocasião de serem censurados com ou sem razão.

As mentes frívolas, insensíveis ou estúpidas são as que melhor lidam com isso. Pois ou elas nunca se deparam com aquelas encruzilhadas em que os caminhos se tornaram irreconhecíveis pela chuva ou pelo crescimento do mato, ou não se importam com a investigação do caminho correto e se escondem despreocupadamente, com bochechas gordas e rosadas, atrás do grande aglomerado de sua seita.

São todavia os espíritos diligentes, reflexivos, investigadores, sensíveis à verdade e à felicidade humana que aqui muitas vezes entram em conflito. É sabido que quanto mais conhecimento, tanto maior a hesitação. Quem por muito tempo se familiarizou com o mundo se torna cada vez mais cauteloso, principalmente na idade em que as experiências atingiram o estágio mais elevado.

No final, os maiores estudiosos se aproximam do pirronismo. Se nesses casos ainda se juntam a bondade e a timidez do hipocondríaco, então há lutas internas cada vez mais constantes. Por um lado, não se quer ser responsável por nenhuma confusão da alma, por outro, não se quer enterrar nenhuma das moedas do tesouro acumulado e, em terceiro lugar, por meio da imaginação e do temor que tudo amplifica, representa-se para si os flagelos exteriores como maiores do que são, os quais, em todo caso, surgem das contradições — tornando os flagelos exteriores ainda maiores do que são. Isso necessariamente estimula e consome essas fraquezas do corpo.

Nos últimos vinte anos adquirimos um número incredi-



tavelmente alto de hipocondríacos, principalmente entre os jovens teólogos. A heterodoxia destrutiva, *aut si mavis*,<sup>29</sup> que desde então germinou, não deveria ser responsabilizada por isso? Normalmente, é com seriedade que o professor presta juramento sobre os seus livros simbólicos. Não era possível falar de outro modo sem passar fome. Tendo um estômago, quem faria isso de bom grado?

Com isso, foi mais fácil se esquecer da reflexão, e manteve-se por conveniência o seu juramento. — O aluno jurou ao seu professor e, quando este voltou para casa carregado de sabedoria e de apostilas belamente escritas de uma opulenta reunião da seita, então sabia o que deveria pregar, como ele deveria agradar ao patrão e ao consistório. E agora tudo é bem diferente — e é verdadeiramente ocasião para inúmeras hipocondria, quando não se quer fazer como aquele candidato que, a saber, entre grandes e pequenos quer ter mais iguais a ele mesmo.

Ele foi questionado por um superior se considerava ou não Cristo como filho de Deus. Com submissão e servilismo, ele respondeu: — Como o senhor ordenar!

*Anônimo*<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Em latim no original: “ou, se preferir” [N. da T.].

<sup>30</sup> Provavelmente da autoria de Karl Philipp Moritz [N. da T.].

## **Sobre a obstinação do espírito. Observações do mesmo hipocondríaco de outrora.<sup>31</sup>**

Para os eruditos, a obstinação do espírito é em certo grau inevitável. Não é possível proteger-se completamente dela, mas sob certas regras podemos torná-la menos danosa. Em primeiro lugar, procure tornar a tua saúde a mais forte que puder: assim, um esforço mais intenso será menos danoso do que, sob outras circunstâncias, um muito menor. Sobretudo o uso de bom vinho e verduras consiste num meio para suportar por mais tempo um esforço mais intenso.

Em segundo lugar, não se deve trabalhar ininterruptamente por um longo período com obstinação. Tão logo não for mais possível prosseguir bem, deixa não apenas de lado essa obra, mas também tenta fragmentá-la, ainda que por um breve período. Dá uma volta no quarto, ao ar livre, no jardim etc., ou a intercala com pequenas tarefas e conversas.

Quanto mais elas forem distantes da nossa sequência de pensamentos, quanto mais simples no que diz respeito à atenção necessária, quanto mais alegres, tanto melhor. Em terceiro lugar, procura te dedicar a esses trabalhos elevados do espírito naqueles períodos em que somos mais fortes; de manhã, depois de atividades físicas intensas e recreativas e não depois de prazeres debilitantes e assim por diante. Mediante uma organização a mais sábia possível das ocupações, devemos avançar do difícil para o fácil; mas nunca o contrário. Desse modo faremos infinitamente mais do que de resto é

---

<sup>31</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 1, 1783, caderno 3, pp. 76-82 [N. da T.].

possível, e sempre com força suficiente. Mas se nos obrigamos a esforços dessa espécie, quando a alma justamente não está serena, então o seguinte verso virgiliano é apropriado:

- - *frustra que laborem / Ingratum trahit* - -<sup>32</sup>

A partir desse ponto de vista, percebe-se que as horas ao cair da tarde e durante a noite são as menos inadequadas.

Quem é hipocondríaco e de livre vontade se incumbe de grandes esforços do espírito, é *de tempore* o maior tolo e abominador de si mesmo. Não objetamos que se saiba por experiência e costume próprios que as horas por volta do meio dia e depois dele são os melhores períodos para trabalhos intensos do espírito. Concordo que para alguns isso é verdadeiro. Também tive essa experiência e opinião aparentemente demonstráveis. Mas não se trata senão do fruto do costume da alma e do corpo de ter regular e repetidamente certo horário, em que – assim como com outras coisas – tudo se passa como, por exemplo, nas refeições, ou seja, quando o horário chega, temos novamente desejo de comer, apenas porque algum dia nos acostumamos a isso. Mas é possível reconhecer já *a priori* que esse período pura e simplesmente não é o mais adequado, porque sempre se situa no final da atividade de um dia, quando as forças já estão algo debilitadas. Como pode ser saudável, por um lado, e favorecer o trabalho, por outro, sobrecarregar principalmente agora as forças da alma e do nervos? Se tentarmos deslocar essa atividade regular da alma para as primeiras horas da manhã, descobriremos que, assim

---

<sup>32</sup> “Prolonga em vão esse esforço ingrato”. *Geórgicas*, III, 97-98 [N. da T.].

que nos acostumarmos, conseguiremos trabalhar agora ainda mais do que antes e com maior facilidade; e isso ocasionará menos prejuízos para a saúde. Como tive aquele costume anteriormente e depois preferi este com plena convicção, essas são máximas de pura experiência.

### **Um problema fisiológico-psicológico<sup>33</sup>**

Recentemente prometi ao senhor descrever mais detalhadamente a história daquela mulher que perdeu o primeiro membro do seu dedo a cada gestação de seus filhos, tão logo a tivesse visitado mais uma vez. A mulher de que quero falar nasceu em Rheda e mora desde o seu casamento na comarca de Harsewinkel, na localidade do convento de Marienfeld, cerca de meia hora daqui. No sábado de 9 de julho estive com ela mais uma vez. Ela me contou tudo novamente e segundo os mesmos detalhes, tal como tinha feito anteriormente em três ocasiões.

— Três ou quatro semanas depois de ter engravidado senti uma pontada na primeira falange de um dedo; disse então ao meu esposo: “estou plena de novo” (quer dizer, com certeza fui abençoada mais uma vez). A falange do dedo começou então a inflamar e a arder insuportavelmente. A ferida se transformou gradualmente em uma bolha cheia de água clara; depois de ter furado essa bolha com uma agulha, a carne ao redor do osso pareceu apodrecer; por fim, o osso da primeira falange caiu e, então, num período de vinte e quatro

---

<sup>33</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 4 (1786), caderno 3, pp. 45-47 [N. da T.].

horas, o dedo mutilado cicatrizou completamente. A queda da falange ocorreu quatro ou cinco semanas depois da primeira inflamação do dedo. As falanges caíram na seguinte ordem: Na primeira gestação, caiu a falange distal do dedo médio da mão esquerda — na segunda, a falange distal do dedo indicador — na terceira, a do dedo mindinho — na quarta, a do polegar — na quinta, a do dedo indicador da mão direita — na sexta, a do respectivo dedo mindinho — e, na sétima, a do polegar. A mulher guardou os ossos que caíram e já no ano passado prometera dá-los para mim; contudo, depois de ter procurado em todo lugar não foi capaz de encontrar nenhum deles, o que lamentou muito.

Duvido muito que ela perca mais uma falange, pois, apesar de não poder dizer com precisão a sua idade, ela já está casada há dezoito anos e aparenta ter mais cinquenta do que quarenta e cinco anos. Todas as sete crianças ainda estão saudáveis e alegres. Em uma das visitas, um colega perguntou à mulher quantos filhos tinha. Em vez de responder, ela ergueu as duas mãos, mostrando ao meu colega que ainda tinha apenas três dedos inteiros, a saber, o dedo anular e médio da mão direita e o anular da mão esquerda.

*Minden, 13 de setembro de 1785.*

Tiemann

Conselheiro da Câmara de Minden

**Pressentimento de morte**<sup>34</sup>

Um jovem retraído e recatado, mas alegre, determinou o ano, o dia e a hora de sua morte, sem razões prévias, ainda que apenas prováveis. Não seria possível explicar essa premonição a partir das seguintes razões?

O seu irmão morreu; ele sentiu a perda; eles tinham uma relação muito próxima e a morte oprimiu a sua alma. Sem toda essa influência sobre ele, sem todo efeito sobre as suas forças e manifestações, provavelmente não poderia existir essa dor persistente. Naturalmente, foi assim porque a fantasia teceu efeitos semelhantes nele, porque sentimentos de morte o rodeavam e mergulhavam os seus pensamentos entorpecidos no túmulo. Sabemos com que facilidade os nossos sonhos tomam parte de semelhante agitação fantasiosa, orientando-se inteiramente segundo ela, mas também que eles sempre acrescentam algo à coisa, a aplicam e determinam. Assim surgiu de maneira inteiramente natural neste jovem o sonho: tu morrerás; tu morrerás em três anos no mesmo dia da morte do teu irmão. Era apenas um sonho, mas suficientemente lúcido para que o considerasse como verdadeiro, como ponto de partida para determinado sentimento premonitório; o efeito que esse sonho produziu sobre a sua imaginação, e que também se deixa perceber a partir das anotações encontradas posteriormente sobre o sonho inteiro, foi suficiente para, por meio de gradativos preparativos, modificações e debilitações do corpo e de suas forças, trazer para a realidade em con-

---

<sup>34</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 4 (1786), caderno 3, pp. 123-125 [N. da T.].

formidade com as conhecidas conseqüências de impressões fortes sobre a imaginação. E como o momento da decisão já se encontrava próximo, então cresceu a convicção e a certeza de sua imaginação, a qual desde o primeiro surgimento conquistou ininterruptamente a sua alma por inteiro, e também segundo o grau supremo de sua força e de sua influência efetiva; em pouco tempo ela produziu modificações nas suas forças vitais, das quais a morte é inseparável; os paroxismos cada vez mais constantes e a confusão evidente da mente permitem reconhecer isso claramente.

De acordo com isso, a determinação da hora da morte está vinculada de modo inteiramente arbitrário à força imaginação. Como nestes casos certos embustes podem se misturar às vezes, não importam as razões que o sujeito quer e ele certamente pode ter várias. É possível que o indivíduo oculte a sua história de morte em semelhantes circunstâncias, que ele representa por um lado completamente diferente e que, por conseguinte, não permitem que veja a verdade.

Schlichting,<sup>35</sup> Z. L. A.

### De uma carta<sup>36</sup>

O crítico da revista *Bibliotheca berlinense*, volume 69, número 1, página 236, considera um exagero o que o inimigo

---

<sup>35</sup> Cidade do distrito de Dithmarschen, na região da Silésia, Alemanha [N. da T.].

<sup>36</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 5 (1786), caderno 1, pp. 100-102 [N. da T.].

do senhor Salzmann afirmou: que pais e educadores, tanto homens como mulheres, não apenas praticavam eles mesmos o vício da onania, como também o ensinavam aos seus filhos e alunos. De fato, um pensamento abominável! — E contudo quero compartilhar com o senhor aqui uma experiência que talvez não se encontre em lugar errado na sua *Revista de psicologia empírica*, pois posso mostrar de que outra maneira jovens podem se tornar familiarizados com esse vício que corrompe o corpo e a alma.

Os meus pais não me corromperam para isso, pois eram os mais castos do mundo; mas sim um amigo íntimo dos meus pais, que era inclusive o confessor do meu pai, e quase me envergonho de dizer: — um velho sacerdote.

Esse homem morava a cerca de meia hora da casa de meus pais. Como jovem, costumava visitá-lo constantemente, porque ele me dava costumeiramente frutas ou outra coisa, e principalmente porque o seu pão branco tinha um sabor magnífico, já que em casa ganhava para comer apenas um pão escuro e grosseiro.

O velho homem gostava muito da minha companhia e, quando estava com ele, tinha de acompanhá-lo a todos os lugares. Todas as vezes eles me mostrava a diversidade da sua horta, de sua colheita, e depois de termos feito essa pequena viagem através dos cômodos e quartos, sentávamos em seu pequeno escritório, onde eu me banqueteara com as frutas, enquanto ele me contava todo o tipo de histórias do seu vilarejo. Um dia o visitei e ele me recebeu com amabilidade extraordinária, serviu-me café e pediu para que me sentasse no seu colo. Fiz isso com alegria e então ele começou a me



balançar.<sup>37</sup> Ele continuou a me balançar por algum tempo, me beijou e perguntou se não queria tirar um pouco a minha roupa. Eu o fiz com prazer; como criança sem entendimento, o que eu podia negar a um homem que tinha me presenteado com tantas maçãs, embora a sua impertinência me parecesse algo incomum. Ele me balançou ainda mais e sofri com os seus carinhos indecentes, perdendo com isso a minha inocência. Não posso lhe dar maiores explicações sobre o que aconteceu. É suficiente saber que ocorreu conforme narrei. Permita-me que, como conclusão desta carta, faça ainda uma pergunta: O senhor não considera também descuidado que hoje se escreva sobre os pecados secretos da juventude com tamanho alardeio e publicidade? Se quiser, posso lhe mostrar inúmeros exemplos de jovens que aprenderam esses pecados primeiro com livros que são de resto considerados bons. Ainda mais descuidado e indesculpável me pareceu que os nossos senhores jornalistas permitam imprimir os anúncios de tais livros nas folhas de rosto coloridas de suas publicações. Em todos os lugares encontramos semelhantes jornais, porque agora todos leem o que pode ser lido, nos salões e nos toaletes; a criança apanha com prazer essas coisas coloridas, lê e talvez se torne uma vítima infeliz de sua curiosidade por causa dessa única circunstância.

N - da igreja de...

---

<sup>37</sup> Um costume perverso de tantos preceptores e daqueles que lidam com crianças. Pais zelosos deveriam proibir completamente o balançar, principalmente quando as crianças começam a crescer [N. do A.].

## Um pressentimento onírico<sup>38</sup>

O conde de \*\*, um homem de espírito lúcido e muitos conhecimentos, um amigo pontual e rigoroso da verdade — um autêntico cristão altivo entre os príncipes — determinado desde cedo por sofrimentos e, em idade madura, pela constituição do corpo à ansiedade — teve um sentimento e pressentimento muito vívidos durante o sonho na noite de 8 para 9 de outubro de 1769: que ocorreria a ele um infortúnio terrível no dia seguinte. Tão logo ele viu de manhã reunida a sua família para a costumeira reunião de entretenimento e leitura, narrou a ela o seu sonho e a intranquilidade que causou em sua alma. Pediu a todos que não saíssem ou viajassem durante o dia, porque ele temia que pudesse ocorrer a um deles um infortúnio. Todos fizeram troça do sonho, tentaram dissuadi-lo de sua apreensão e pediram a ele que pudesse passear no jardim que se encontrava nas imediações do castelo. O bom príncipe permitiu; todos retornaram felizes para casa — e riram muitas vezes à noite e nos dias seguintes sobre a preocupação desnecessária que o sonho lhe tinha causado.

Passou um ano inteiro para ele e para toda a sua família piedosa em plena felicidade e serenidade da vida. No começo de outubro de 1770, a sua esposa deu à luz uma menina [princesa].<sup>39</sup> Depois do parto ela se encontrava bem, suas

---

<sup>38</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 5 (1786), caderno 3, pp. 75-77 [N. da T.].

<sup>39</sup> Grandeza e bondade da alma estavam entretecidas a todo o caráter. A sua mentalidade nobre e suas ações cristãs, das quais fui eu mesmo testemunha diária durante anos, já foram arquivados como exemplos nos arquivos da boa

forças cresceram diariamente, e no dia 9 de outubro ela se sentiu tão alegre e fortalecida, que pela primeira vez se levantou da cama, para se sentar durante uma hora no sofá. Para fazer uma surpresa ao seu bom marido, mandou lhe dizer que viesse ao seu quarto, pois a encontraria reestabelecida e alegre.

Feliz ele subiu as escadas — mas — ao entrar no quarto — a viu morrer — mais uma vez ela sorriu para ele — e então desfaleceu nos seus braços. — No mesmo minuto em que ela ordenara que fosse dada ao esposo a feliz notícia, um golpe a atingiu.

Exatamente um ano depois, portanto, o sonho se concretizou.

Autor desconhecido

### **Ainda sobre os pressentimentos<sup>40</sup>**

Por menos que a faculdade de pressentir esteja em conflito com os conceitos que fazemos costumeiramente da alma, tanto menos contradição se encontra no assim chamado reportar [Melden]. Conhecemos ainda muito pouco todas as forças do ser que denominamos de alma; estamos por demais inclinados ao corpo para que possamos investigar completamente esse ser. Como podemos saber o que a alma, deixada à sua própria sorte, sem ligação com um corpo, ou destruída — em um estado em que os órgãos, o tecido conjuntivo, se tornaram

---

humanidade [N. do E.].

<sup>40</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 5 (1786), caderno 3, pp. 91-93 [N. da T.].

dormentes, em que o mecanismo ganha rigidez — e está muito perto o momento da despedida ou mesmo já se deu; que círculo de atuação tem a alma ali? Por fim, quem ainda é capaz de definir um *non plus ultra*, um marco para as forças de um ser que nos é tão pouco conhecido?

Há demasiadas experiências e observações de fenômenos nessa esfera; — observações que não podem ser acusadas de modo algum de inverídicas; — de homens que observaram com mente imparcial e investigação multilateral a mais precisa; que jamais se habituaram a revelar com credulidade supersticiosa algo como prova de uma verdade ainda tão duvidosa, quer dizer, sem seres fiadores disso com toda a sua alma, tal como como fornecerei a seguir duas observações desse tipo; digo que temos muitos fenômenos semelhantes, variados e importantes, para que possamos demonstrar justamente as referidas faculdades na alma.

Queiramos de uma vez extrair um resultado confiável de tais experiências acumuladas e conservadas, que tanta solução forneceria para a psicologia! Procurei explicar no terceiro número do quarto volume um pressentimento de morte,<sup>41</sup> que teve origem num sonho lúcido precedente, e que efetivamente trouxe perturbação e morte em virtude da imaginação — explicação que me parece até agora suficientemente satisfatória; mas me ocorrem agora novamente outros fenômenos, que me parecem tão inexplicáveis como um enigma sobre-humano. Aqui a agitação de nossa imaginação parece efetivamente nos elevar a esferas sobre-humanas e a realizar coisas sobre-

---

<sup>41</sup> Reproduzido aqui a partir da p. 55 [N. da T.].

humanas; quer dizer, se elas ocorreram efetivamente, então — suas forças não descobrimos ainda com o nosso discernimento. O sonambulismo magnético, depois de todo o exame, não é senão charlatanismo, que para nós não deve valer mais do que aquela fantasia do delírio e do embuste; o símbolo de ambos é: *croyez et voulez*. Tais quimeras estão distantes de qualquer amigo da verdade; assim como em geral não se pode ser jamais suficientemente cuidadoso nesses caminhos escorregadios.

Autor desconhecido

### Sobre misticismo<sup>42</sup>

Se há algo que merece ser considerado pela psicologia, então são as doutrinas do misticismo, que exerceram tanto no passado como hoje uma influência tão surpreendente sobre os ânimos dos homens.

São dignas de consideração já pela sua influência — pois particularmente o misticismo superior não oferece quaisquer estímulos para a imaginação, mas, ao contrário, quer garantir que todas as imagens tenham sido primeiro apagadas da faculdade da imaginação, antes que a luz propriamente dita possa surgir nela, a qual consiste numa chama que mais consome do que é benéfica.

Descartar semelhantes coisas com palavras de ordem não nos levará adiante; pois com isso elas não são colocadas de

---

<sup>42</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 7 (1789), caderno 3, pp. 75-76 [N. da T.].

lado, mas permanecem sempre no seu lugar, obstruindo o caminho.

Fica claro, a saber, que o misticismo não pode ter uma base firme, porque não pressupõe os outros conhecimentos e ciências da humanidade, antecipando imediatamente o resultado.

Ele é, por assim dizer, uma metafísica sem física — um algo, que paira sobre um abismo e ilude, permanecendo todavia sempre um algo a que ânimos delicados gostariam de se agarrar, porque relutam em se aprimorar por meio do mundano mais grosseiro; porque são oprimidos pela massa humana e, de súbito completamente isolados, reencontram a si mesmos numa bela solidão.

(*continua*)

## **Recomendação do misticismo contra os arroubos da imaginação<sup>43</sup>**

Essa recomendação, a saber, particularmente extensa, se encontra na seguinte carta do Senhor de F. . . a um pupilo religioso, que lhe tinha relatado que experimentara uma modificação no seu interior, na medida em que uma grande quantidade de pensamentos dispersivos o perturbavam. Respondeu a ele que os consolos e doçuras são sempre sucedidos por pensamentos áridos e dispersivos, na medida em que não

---

<sup>43</sup> *Revista de psicologia empírica*, vol. 8 (1786), caderno 1, pp. 78-82 [N. da T.].

se conseguia dominar a volúvel imaginação. Isso ocorre em geral na vida humana e o autor da carta a seguir parece não estar enganado quando procura o motivo para isso na incapacidade de dominar a volúvel imaginação. Pois a realidade e a sua relação conosco podem permanecer sempre a mesma e ainda assim ter uma impressão diversa sobre nós, à medida que a nossa imaginação coloca representações mais agradáveis ou desagradáveis ao lado da representação da realidade atual, comparando-as desse modo.

Quanto mais limitada for a imaginação em um ser humano, tanto mais ele se atém à representação da realidade atual, mas quanto mais ativa ela for nele, tanto mais e frequentemente ele se afastará dela.

Como o arroubo do misticismo pressupõe um grau de imaginação ativa maior que o ordinário, na medida em que a sua essência está nisso, embora ela queira garantir a repressão de todas as imagens, então é inteiramente natural que ela também aqui tenha de se manifestar a maior parte das vezes.

No misticismo algo é tomado como real que, contudo, é nada menos do que real, mas tão somente existe na imaginação e a partir do qual a imaginação não deve sair.

Isso que no misticismo é tomado como real, que foi estabelecido como um ponto intermediário e que não tem algo de notável corporalmente, mas consiste apenas numa sensação obscura e, portanto, é o mais delicado que se pode pensar, então deve ser surpreendentemente difícil para um místico despertar novamente junto a si a sensação obscura já tida, quando ele se perdeu uma vez desse ponto intermediário por meio de sua imaginação fugidia.

Não há nenhuma outro caminho ou nenhum outro meio para ele senão retornar ao caminho por meio de que se afastou de sua posição, e por isso novamente imagine algo, de modo que alcance finalmente imaginar para si firmemente que possui novamente a sensação perdida e se encontra novamente no caminho certo.

Para contudo avançar com segurança, ele confia em um guia, que lhe informa a região e o caminho; e desse modo existe um modo próprio e ordenado de proceder no misticismo, cuja investigação não parece ser uma ocupação inútil para a psicologia, na medida em que nisso são consideradas as diversas espécie de auto-ilusão.

O Senhor F... contudo ensinou o seu aprendiz da seguinte maneira:

*8 de dezembro de 1769.*

Vós escrevestes terdes experimentado há duas ou três semanas uma mudança em vosso interior e que uma quantidade de pensamentos dispersivos tirou vossa tranquilidade.

Aos consolos e doçuras da vida se seguem sempre as aspe-rezas e dispersões dos pensamentos, na medida em que não conseguimos nos tornar mestres da fugidia imaginação. Essas oscilações vós ainda experimentareis por longo tempo. Nisso é absolutamente necessário que não vos torneis fatigados, nem vos impedis de suportar os períodos determinados para a oração interior na presença de Deus e de permanecer em silêncio, e tantas vezes quanto for possível sempre reunir suas



forças novamente, bem como ler antes desse momento algumas páginas dos escritos de M. G.,<sup>44</sup> e a paz sempre retornará. Tolerai essa provação, por meio da qual a vossa base interior será cada vez mais amplificada, e não permitais que nada no mundo vos detenha de permanecer em silêncio diante de Deus durante períodos determinados para a oração interior, praticando e recuperando-vos. Se fordes detidos pelas vossas ocupações profissionais, que não deveis negligenciar, então recuperai esse tempo em outro momento do dia.

Percebereis que, quando fordes constantes nisso, suportando nas dispersões o tempo determinado para a oração interior silenciosa, que permanecerá para vós no tempo restante do dia, entre as ocupações, uma brandura e concentração, que ficareis tranquilo e podereis concluir vossos negócios conforme a vontade de Deus e que a graça divina será obtida neles. Se quiserdes, contudo, sem necessidade ou porque os negócios profissionais o exigiram, negligenciar o tempo requerido para a oração interior, então tudo se perderia e vós definhariéis como uma lesma, já que por fim perderíeis toda a oração interior e voltaríeis novamente para o mundo, do que vós protegeria a misericórdia divina.

No que diz respeito às vossas falhas, não procureis encobri-las, e se há algumas por meio das quais importunais outros, então as repareis pedindo perdão por elas e pelo incômodo,

---

<sup>44</sup> Madame Guyon (1649-1717), mística francesa associada ao quietismo, seita religiosa cristã que enfatizava a supressão das emoções e paixões como via de acesso ao divino. Em seu romance autobiográfico, *Anton Reiser*, Moritz atribui à influência de doutrina de Guyon na sua família grande parte dos prejuízos de sua infância, como a excessiva timidez e a fragilidade da saúde [N. da T.].

e esse ato de humildade fomentará vosso interior. Se vos ocorreris um pensamento de que teríeis falhado nisso ou naquilo, então capturai de imediato esse pensamento e não deis atenção às desculpas dos pensamentos seguintes, que derivam apenas do amor próprio e do temor da vergonha e da humilhação, mas dizeis: sim, eu falhei.

Trazei essas falhas diante de Deus e pedi a Ele que o purifique delas, com o que ficareis sereno; depois disso não vós detenhais por mais tempo nas falhas.

Sede todavia o mais fiel em cumprir com precisão todas as demandas de Deus para fazer ou deixar de fazer isso ou aquilo, sem o que vosso interior não progredirá.

### **Estranhas dúvidas e razões de consolo<sup>45</sup> de um metafísico hipocondríaco<sup>46</sup>**

A eternidade que pensamos haver em Deus é essencialmente diversa daquela que esperamos. Pois essa última é sempre apenas tempo. Sempre apenas uma sucessão do pensamento, o qual Deus resume de uma só vez, de maneira que a sua eternidade transcorre em um só instante. Nele, não há nenhuma sucessão. —

Esse é um dos pensamentos mais sublimes que a alma humana pode conceber. Como chegou a ele? Não contém, porventura, nenhuma contradição? Como é possível que

---

<sup>45</sup>Em alemão: *Trostgründe*. Segundo o dicionário de língua alemã dos irmãos Grimm, “uma representação de ideias abstratas que, de certo modo, é capaz de atenuar uma dor chama-se de razão de consolo” [N. da T.].

<sup>46</sup>*Revista de psicologia empírica*, vol. 8 (1791), caderno 2, pp. 64-71 [N. da T.].

pensemos o que é sucessivo como lado a lado? Que as coisas no mundo pareçam para nós sucederem umas às outras é o resultado de nossa imperfeição. Porque não podemos nos representar várias coisas de uma só vez, precisamos esperar até que a primeira tenha ocorrido, para então sermos capazes de considerar a outra. A sucessão das coisas seria, portanto, apenas uma relação com nós mesmos, e na verdade nada de real. Quando quero abarcar com a vista uma cidade e me encontro na sua parte inferior e no seu extremo, preciso percorrer uma rua depois da outra e aguardar até que conheça pouco a pouco a cidade. Mas quando me encontro no alto de uma torre, então vejo lado a lado o que anteriormente tinha de ver em sequência. O que denominamos de sucessão das coisas é, portanto, apenas a sucessão das nossas representações dessas coisas. Mas aqui há mesmo uma sucessão real? Para um entendimento tão limitado, que tem de considerar uma coisa depois da outra, mas não para um perfeito que as vê lado a lado.

Por conseguinte, em realidade tudo o que é futuro já existe, apenas ainda não para nós.

A nossa representação disso já deveria existir, mas ela efetivamente não o é, e aquela afirmação é conseqüentemente uma contradição. A nossa representação disso já existe também. Precisamos apenas esperar até que ela chegue até nós.

Como se dá contudo com os movimentos? Como pode o homem que ainda está aqui agora estar já a uma milha de distância?

Como pode o entendimento que tudo abrange colocar lado a lado o meu estar aqui e estar ali? Onde estive, não estou

mais agora — isso seria mais uma vez uma contradição.

Quando faço um círculo de fogo ou giro rapidamente uma centelha, então ela parece estar onde contudo não está; em vez de perceber um ponto, o nosso olho percebe um círculo, que parece estar em repouso. Porque o movimento é muito rápido, podemos representar para nós coisas que se sucedem umas às outras como lado a lado. Vemos a centelha em todos os lugares ao mesmo tempo, para onde ela vai e onde ela estava, e, por assim dizer, em tamanho reduzido abrangemos com um só olhar o presente, o passado e o futuro.

Se concebêssemos a terra como um ponto que se desloca, então ela teria de se apresentar ao entendimento divino como um círculo.

Quando vemos que algo se move, então se altera apenas a nossa representação da pessoa ou da coisa. Um homem se encontra sob uma árvore. Ele vai embora. Em minha alma permanece ainda a imagem do homem sob a árvore. A centelha se desloca; contudo, no lugar em que ela própria não mais está, a sua imagem substitui o seu lugar em minha alma.

Se quisesse representar para mim o homem ao mesmo tempo sob a árvore e em sua casa, então a árvore e a sua casa teriam de ser uma coisa só.

A imagem do estar sob a árvore permanece ainda sempre na alma, mesmo quando o homem já retornou para a sua casa.

O estar sob a árvore era tão real quanto o estar em casa.

Contudo, é-me impossível pensar ambos de uma só vez? Deus tem de poder pensar ambos de uma só vez. Nele não

há nenhuma transformação.

Não podemos explicar de outra maneira os movimentos do homem senão por meio das modificações de suas representações, pois que elas são isso todos sabemos com certeza. Todas as representações que o homem deve ter já se encontram lado a lado, e o homem tem de percorrê-las sucessivamente. E mesmo esse percorrer já existe em Deus lado a lado.

A representação lado a lado de Deus tem também de ser muito diferente da nossa, pois estamos sempre de posse dos conceitos de proximidade e distância. Nele, tudo tem de se reduzir a um único ponto.

Quando vemos o presente, então conservamos sempre ainda a imagem do passado. Mas ele não é mais real em nós. Em contrapartida, para Deus o passado tem de ser tão real quanto o presente. Talvez isso seja uma parte da imagem e semelhança de Deus em nós.

Nele, a vida inteira do homem está lado a lado, eternamente como uma pintura. O homem deve primeiro percorrê-la em sua vida. E existe pois tal entendimento mais perfeito? — Nele, o primeiro homem ainda se alegra de sua existência; desfruta ainda sempre dos alegres momentos no paraíso, e se alegra com a sua encantadora companheira. Nele, o homem ainda sente a perda da sua felicidade e trabalha com esforço a lavoura etc.; que pensamento surpreendente ver tudo lado a lado como luz e sombra, que pintura inconcebível.

Ah! do passado portanto nada ainda passou, tudo ainda está ali como era, conservado no pensamento que tudo abrange da eternidade. Como é consolador! Algumas vezes me ofendia quando pensava que tinha acabado; mas continua lá na

eternidade!

Por isso, não lamente que teu amigo se decompõem em pó! Ele ainda floresce em sua mais bela juventude. Os anos de sua infância ainda não passaram, embora ele agora se desmanche na poeira.

É apenas porque te encontras em tal relação com ele, que podes perceber o ponto presente de suas transformações, de sua decomposição no túmulo. A relação da eternidade com ele é tal, que percebe a sua decomposição no túmulo e o florescimento de sua juventude ao mesmo tempo, e de modo que o seu corpo transfigurado efetivamente se encontra ali. Onde cessa a tua relação, isso parece para ti ter passado. Mas te iludes. Talvez um dia nos seja concedido o prazer de ver a nossa existência assim lado a lado; talvez cesse para nós, de modo limitado, a sucessão, de modo que também nós sejamos tudo o que somos de uma só vez, e a nossa eternidade se torne presente perpétuo.

Quando uma roda gira rapidamente, então cada ponto irregular que se destaca cria um círculo, e o todo obtém uma aparência bela, plana e bem ordenada.

Em Deus, nem mesmo a menor imagem do passado pode ficar para trás, senão seria necessário pensar nele uma sucessão temporal. Deus possui um conceito infinitamente mais perfeito de nós do que temos de nós mesmos. Quanto mais nos conectarmos com esse conceito, tanto mais conheceremos a nós mesmos.

Como podemos pensar esse ser mais perfeito, não é improvável que nos unamos a ele um dia de modo mais preciso. Perderíamos de fato algo se tivéssemos nesse caso de sacrificar

a nossa individualidade?

*À noitinha*

Se o passado não permanecesse presente em Deus, então haveria muita pouca realidade no mundo. Pois tudo o que vemos possui propriamente apenas uma existência aparente. O dia de hoje passou e, portanto, não é mais real; mas quando foi real? Na verdade, não foi de modo algum. Não existem dias e anos, mas apenas instantes imperceptíveis. As imagens que ficam para trás em nós das coisas que passaram fazem com que se tornem algo semelhante à realidade. E existe apenas realmente aquilo que é sentido diretamente por nós. A sensação imediata dura apenas um período infinitamente breve; então já não existe mais a coisa ela mesma, mas tão somente a imagem dela em nossa alma. Tão pequeno é, portanto, o círculo das nossas coisas reais.

Em Deus, todas as coisas que ele conhece são reais e, por conseguinte, nele tudo é real. Podemos conhecer, ainda que aproximadamente, como o entendimento divino representa para si as coisas? — Se soubéssemos, então teríamos de representá-las para nós em tamanho reduzido do mesmo modo que ele representa em tamanho ampliado. Fazemos isso por meio das palavras. A parte passada, presente e futura do dia sintetizamos na palavra "hoje". Na verdade, o que representamos para nós como real é sempre apenas o instante presente. Que eu hoje à noite tenha passeado no jardim de B... não poderá jamais ocorrer novamente no mesmo tempo. — Em Deus isso ainda ocorre, em Deus penso ainda

o pensamento que então pensava, e penso simultaneamente o pensamento presente.

Nele, o sol ainda se encontra ali onde esteve naquele momento, e todavia já se pôs ao mesmo tempo. Pois nele é real tudo o que sabe, não o que sente. Pensamos a eternidade de Deus como instante, porque o momento de nossa realidade é apenas um instante. O que todavia é mais: pensar ou sentir? Qual deles deveríamos atribuir a Deus? Talvez nenhum deles?

Quem sabe se Deus pensa, se mesmo o nosso pensar não é algo imperfeito, que substitui apenas até certo ponto a falta de uma faculdade superior. De fato, pode haver fora do pensar ainda uma qualidade que é justamente tão diferente dele quanto o ver é diferente do ouvir.





## A miséria humana<sup>47</sup>

[...]

Por vezes, as coisas mais importantes que dizem respeito à humanidade como um todo chegam apenas muito tarde à linguagem, assim como costuma ocorrer nas grandes reuniões de conselho e nos colegiados, onde a atenção não recai sempre primeiro no que deveria recair. O acaso, todavia, parece guiar os pensamentos dos homens tanto no grande como no pequeno: do contrário, todas as coisas do mundo já deveriam ter adquirido uma forma inteiramente diferente.

Depois de por muito tempo terem sido feitas classificações de conchilhas, borboletas e todo o tipo de vermes, apenas tarde começou-se a ordenar também a miséria em classes, de modo que um ou vários homens que têm de governar um Estado a visualizem com um olhar, como num mapa, podendo assim ajudar primeiro a uns e depois a outros, de acordo a gravidade da necessidade.

Na medida em que se medita sobre isso, não é possível evitar o pensamento de quão fácil seria se livrar de toda a

---

<sup>47</sup> Publicado inicialmente em *Denkwürdigkeiten aufgezeichnet zur Beförderung des Edlen und Schönen* [Registro de Memoráveis para a promoção do nobre e belo], número 1, volume 6, pp. 81-89. Editado por Karl Philipp Moritz e Karl Friedrich Pockels, Berlim, 1786 [N. da T.].

miséria humana, se em algum instante favorável todos os corações humanos pudessem ser tornar repentinamente mais brandos, como num passe de mágica, e apenas *durante um único dia* fossem completamente libertos do egoísmo e do *interesse próprio*.

Que mudanças surpreendentes produziria esse único dia no mundo? — Cetros se curvariam, coroas seriam depositadas, armas quebradas, instrumentos da destruição jogados nas profundezas do mar, lágrimas secadas, feridas curadas e suspiros silenciados! — Tudo o que fora tirado do caminho voltaria aos trilhos — o torto voltaria a ser plano.

Com isso seria retirado de uma só vez das aspirações humanas o seu *aguilhão* e da competição geral, o seu estímulo — o jogo vivo das paixões umas contra as outras cessaria. — Para colocar esse grande jogo de novo em movimento deveria, contudo, no fim ser devolvido ao homem aquele estímulo do impulso para a atividade.

No dia seguinte tudo voltaria de novo ao seu curso. — Os cetros baixados se ergueriam gradualmente de novo, as coroas depositadas seriam repostas, as armas destruídas novamente forjadas, os instrumentos da destruição seriam retirados do abismo mais profundo e tudo seria rapidamente restaurado ao seu estado anterior.

Se o interesse próprio e o egoísmo devem ser necessários no mundo — como então pode ser interrompida a fonte universal da miséria humana? — Enquanto houver *opressores* também tem de haver *oprimidos*. — As forças humanas querem ter *livre espaço de jogo*; se a força de um único dentre milhares tem um espaço de jogo demasiado grande, então milhares

não são tão afortunados quanto poderiam ser.

Toda a miséria do homem surge de forças reprimidas em si mesmas, que despertam o vício e a tolice. — Assim como as crianças só se metem em malcriações e tolices quando estão desocupadas. — Exortar a *espontaneidade* do homem é, por isso, a primeira regra fundamental de uma boa instituição civil. — Não é miserável o artista que trabalha dia e noite com zelo incansável na consumação de sua obra.

“Tu pesas a miséria humana em pratos enganosos” — parece-me dizer uma voz secreta em mim mesmo — “no todo, a miséria não existe senão na mente daquele que encontra prazer em subsumi-la — o que é único, permanece eternamente único — tu podes a cada vez colocar na balança apenas a miséria de um único homem e jamais a miséria de todos os homens em conjunto.

Desse modo, como a miséria é *individualizada*, então é deixado de lado o seu peso imaginário, o qual praticamente desaparece quando tu consideras a *individualização dela através do tempo*: que é propriamente *o instante atual* em que o *homem individual efetivamente* suporta; que não há propriamente nenhuma soma da miséria inclusive no homem individual, justamente porque a sua existência efetiva está limitada ao instante e todo o restante é para ele apenas recordação do passado ou temor em relação ao futuro — e que cada um desses instantes torna cada vez mais próximos do fim essa vida breve e nula. — A miséria de um é subtraída da visão do outro por oceanos, por vastas regiões dos países, em que ninguém habita, e, nos lugares habitados, inclusive por paredes e muros, que encerram em si mesmos os suspiros

e lágrimas dos homens. — Em suma, a grande massa da miséria humana se tornará tão *insignificantemente* pequena numa análise mais precisa do conceito como os homens eles mesmos e toda a sua existência terrena — ela desaparece no sonho e na miragem tal como a vida do homem. — Para aqueles que suportam a miséria, ela há muito não é tão importante como para aqueles que a observam e retratam — e aquele para o qual a miséria parece importante, encontra nessa importância de novo uma espécie de consolo. — Os homens pouco agradeceriam a ti se quisesses roubar deles a miséria que escolheram por si mesmos — que são escravos, por meio disso acreditam estarem além do esforço do pensamento — que são infelizes, abandonados ou perseguidos, produz neles certo sentimento agradável de compaixão consigo mesmos. — Não há efetivamente *nenhuma miséria sobre a terra que não esteja acompanhada de consolo e reparação para o miserável*, que seja palpável e perceptível apenas para ele e para nenhum daqueles que estão ao seu redor — por isso, carrega o teu próprio fardo através dessa vida da melhor maneira que puderes! — De que serve a ti ser o ponto central que compreende a miséria humana reunida? Tu vês apenas o lado exterior — ou não tens o suficiente para fazer contigo mesmo? Por isso, caminha em silêncio ao longo da curta linha da vida e pensa:

Man wants but little here below,  
Nor wants that little long.”<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Em inglês no original: “Quer-se pouco aqui embaixo, e esse pouco não por muito tempo”. Oliver Goldsmith (1728–1774), *The Hermit* (*Edwin and*

Contra essa voz, que é o resultado da fraqueza e do desânimo do espírito, sinto erguer-se novamente em mim a natureza melhor e um nobre impulso de atividade. — Antes que possa eu mesmo ser completamente tranquilo e satisfeito, de certo modo devo ser sincero com todos os seres que além de mim pensam e sentem como eu — sinto um pendor em mim de saber como eles estão, o qual inclusive supera em mim o interesse por minha própria existência.

Sinto que se tornaria insuportável para mim viver em um mundo em que algum ser pensante e senciente fosse efetiva e necessariamente infeliz — pois não posso resistir à inclinação de me colocar no lugar dele, no qual a *contingência do nascimento* poderia ter me colocado, à qual não seria capaz de me contrapor.

Por isso, antes que avance mais um passo na consideração da miséria humana, procuro primeiro me firmar, na medida em que reflito sobre o pensamento consolador, testado pela experiência, *de que se encontra no poder do homem submeter-se livremente à necessidade.*

*Que o seu Eu pensante propriamente dito não oferece nenhum único ponto de contato com a infelicidade, que ela diz respeito apenas ao seu entorno, mas não pode abalar a ele mesmo; que a cada instante de sua existência se encontra em seu poder recolher-se em si mesmo e abandonar livremente o que o rodeia ao acaso.*

Apenas depois de ter pressuposto isto posso refletir com ânimo imparcial sobre a miséria humana e realizar conside-

---

*Angelina*), cap. 8, ato 8. Goldsmith foi um médico, poeta e dramaturgo irlandês [N. da T.].

rações. — A partir desse baluarte que criei ao meu redor, apesar do acaso, que poderia ter feito com que nascesse como o mais infeliz da terra. — E me sinto apenas forte o suficiente para colocar diante de mim, como objeto de minha consideração a sangue frio, aquilo que oprime e aflige os homens, porque fui capturado, pudesse isso ter ajudado a eles ou não.

Então deixo que a miséria humana desfile diante de minha alma em suas formas mais terríveis e penso comigo como tudo aquilo que germinará dessa semente apodrecida se desenvolverá em um tronco — como cárcere e fortificação, espada e roda, mosteiro e hospício, guerra e peste, enquanto dissonâncias monstruosas, finalmente se dissolverão novamente na harmonia universal e tudo o que é carente e imperfeito desaparecerá diante da bondade e da perfeição que nascem dele como um sonho e logro, na medida em que o bem e a perfeição eles mesmos existem efetivamente e permanecem externamente. — Se esses pensamentos doces forem eles mesmos apenas um sonho, então não me abato — pois, quando tudo vacila, aprendi a me recolher por um momento em meu ser.